



GNOSIS BRASIL

CIÊNCIA E CULTURA DO HOMEM EM BUSCA DO SER

www.gnosisbrasil.com

Tratado de Psicologia Revolucionária

Samael Aun Weor

Instituto Gnosis Brasil

Website: www.gnosisbrasil.com

Facebook: www.facebook.com/gnosisbrasil

Sedes Gnósticas no Brasil: www.gnosisbrasil.com/loais

Biblioteca Gnóstica (livros, áudios, vídeos, imagens): www.gnosisbrasil.com/biblioteca



SUMÁRIO

<u>PREFÁCIO DA EDIÇÃO ORIGINAL</u>	<u>3</u>
<u>CAPÍTULO 1 - OS NÍVEIS DE SER.....</u>	<u>8</u>
<u>CAPÍTULO 2 - A MARAVILHOSA ESCADA.....</u>	<u>11</u>
<u>CAPÍTULO 3 - REBELDIA PSICOLÓGICA.....</u>	<u>13</u>
<u>CAPÍTULO 4 - A ESSÊNCIA.....</u>	<u>15</u>
<u>CAPÍTULO 5 - ACUSAR A SI MESMO</u>	<u>17</u>
<u>CAPÍTULO 6 - A VIDA</u>	<u>19</u>
<u>CAPÍTULO 7 - O ESTADO INTERIOR.....</u>	<u>20</u>
<u>CAPÍTULO 8 - OS ESTADOS EQUIVOCADOS</u>	<u>22</u>
<u>CAPÍTULO 9 - OS SUCESSOS PESSOAIS</u>	<u>24</u>
<u>CAPÍTULO 10 - OS DIFERENTES EUS.....</u>	<u>26</u>
<u>CAPÍTULO 11 - O QUERIDO EGO</u>	<u>28</u>
<u>CAPÍTULO 12 - TRANSFORMAÇÃO RADICAL</u>	<u>30</u>
<u>CAPÍTULO 13 - OBSERVADOR E OBSERVADO</u>	<u>32</u>
<u>CAPÍTULO 14 - PENSAMENTOS NEGATIVOS.....</u>	<u>34</u>
<u>CAPÍTULO 15 - A INDIVIDUALIDADE</u>	<u>36</u>
<u>CAPÍTULO 16 - O LIVRO DA VIDA</u>	<u>39</u>
<u>CAPÍTULO 17 - CRIATURAS MECÂNICAS.....</u>	<u>41</u>
<u>CAPÍTULO 18 - O PÃO SUPERSUBSTANCIAL</u>	<u>43</u>
<u>CAPÍTULO 19 - O BOM CHEFE DE FAMÍLIA</u>	<u>45</u>
<u>CAPÍTULO 20 - OS DOIS MUNDOS</u>	<u>47</u>
<u>CAPÍTULO 21 - A OBSERVAÇÃO DE SI MESMO</u>	<u>49</u>
<u>CAPÍTULO 22 – A CONVERSA</u>	<u>51</u>
<u>CAPÍTULO 23 - O MUNDO DAS RELAÇÕES.....</u>	<u>53</u>
<u>CAPÍTULO 24 - A CANÇÃO PSICOLÓGICA</u>	<u>55</u>
<u>CAPÍTULO 25 - RETORNO E RECORRÊNCIA</u>	<u>58</u>
<u>CAPÍTULO 26 - AUTOCONSCIÊNCIA INFANTIL.....</u>	<u>60</u>
<u>CAPÍTULO 27 - O PUBLICANO E O FARISEU.....</u>	<u>62</u>

<u>CAPÍTULO 28 - A VONTADE.....</u>	<u>65</u>
<u>CAPÍTULO 29 - A DECAPITAÇÃO.....</u>	<u>68</u>
<u>CAPÍTULO 30 - O CENTRO DE GRAVIDADE PERMANENTE</u>	<u>72</u>
<u>CAPÍTULO 31 - O TRABALHO ESOTÉRICO-GNÓSTICO</u>	<u>76</u>
<u>CAPÍTULO 32 - A ORAÇÃO NO TRABALHO.....</u>	<u>78</u>

PREFÁCIO DA EDIÇÃO ORIGINAL

Por: Gargha Kuichines

O presente Tratado de Psicologia Gnóstica é um novo livro que o Mestre outorga aos irmãos como Mensagem de Natal de 1975. É um completo código que ensina a eliminar defeitos.

Até agora o estudantado se conformou em reprimir os defeitos – algo assim como um chefe militar que se impõe diante de seus subordinados. Pessoalmente, temos sido técnicos em reprimir defeitos, mas, é chegado o momento em que nos vemos obrigados a dar-lhes morte, a eliminá-los, valendo-nos da técnica do Mestre Samael, que, em forma nítida, precisa e exata, nos dá as chaves.

Quando os defeitos morrem, além de a alma se expressar com sua imaculada beleza, tudo muda para nós. Muitos perguntam o que fazer quando vários defeitos se manifestam ao mesmo tempo. A esses já temos respondido que eliminem alguns e que reprimam os outros para eliminá-los mais tarde.

O CAPÍTULO 1 ensina como mudar a página da nossa vida; romper a ira, cobiça, inveja, luxúria, orgulho, preguiça, gula, desejo, etc. É indispensável dominar a mente terrena e fazer girar o vórtice [chakra] frontal, para que este absorva o eterno conhecimento da mente universal. Nesse mesmo capítulo é ensinado a examinar nosso nível moral de ser e mudá-lo. Isso é possível quando destruímos nossos defeitos. Toda mudança interior traz como consequência uma mudança exterior. O nível de ser, do qual trata o Mestre nesta obra, refere-se à condição em que nos encontramos.

No CAPÍTULO 2 é explicado que o nível de ser é o degrau onde nos encontramos na escada da vida. Quando subimos, avançamos; mas, quando paramos, isso produz aborrecimentos, desenganos, tristezas e pesadelos.

No CAPÍTULO 3 o livro nos fala sobre a rebeldia psicológica e nos ensina que o ponto psicológico de partida está dentro de nós e nos diz que o caminho vertical ou perpendicular é o caminho dos rebeldes, dos que buscam mudanças imediatas, de tal sorte que a via vertical é sua principal característica. Os humanoides seguem pelo caminho horizontal da escada da vida.

O CAPÍTULO 4 explica como se produzem as mudanças. A beleza de uma criança se deve ao fato de ainda não haver desenvolvido seus defeitos; à medida que eles se desenvolvem, vai perdendo sua beleza nata. Quando desintegramos os defeitos, a alma se manifesta em todo seu esplendor; isso é percebido pelas pessoas à simples vista. Além disso, a beleza da alma é a que embeleza o corpo físico.

O CAPÍTULO 5 nos ensina a manejar o ginásio psicológico e o método para aniquilar a feiura secreta que temos por dentro (os defeitos). Também nos ensina a trabalhar sobre nós mesmos para conseguir uma total transformação. Mudar é necessário, mas as pessoas não sabem como mudar; sofrem muito e se contentam em lançar a culpa nos outros. Não sabem que elas mesmas são as únicas responsáveis pela condução de suas vidas.

O CAPÍTULO 6 fala sobre a vida. Diz que a vida é um problema que ninguém entende: os estados são internos e os acontecimentos são externos.

O CAPÍTULO 7 nos fala sobre os estados internos e nos ensina a diferença que existe entre os estados de consciência e os acontecimentos externos da vida prática. Quando modificamos os estados equivocados da consciência isso dá origem às mudanças fundamentais dentro de nós.

[O original não traz nenhum comentário sobre o Capítulo 8 – Nota do Tradutor].

O CAPÍTULO 9 fala dos eventos pessoais, e nos ensina a corrigir os estados psicológicos equivocados e os estados interiores errados; enfim, nos ensina a pôr ordem em nossa bagunçada casa interna. A vida interior atrai as circunstâncias exteriores. Se essas são dolorosas, isso é devido aos absurdos estados internos porque o exterior é o reflexo do interior. A mudança interna dá origem imediata a uma nova ordem de coisas.

São os estados interiores equivocados que nos transformam em vítimas indefesas da perversidade humana. Esse Capítulo nos ensina a não nos identificarmos com nenhum acontecimento, lembrando que tudo termina. Devemos aprender a ver a vida como um filme; nos dramas, devemos ser meros observadores e nunca nos identificarmos com eles.

Um de meus filhos é dono de um cinema, onde são exibidos filmes modernos. O cinema lota quando há filmes ganhadores de Oscars. Um dia, meu filho Álvaro, me convidou para ver um filme com atores premiados. Mas recusei o convite dizendo que só estava interessado em um drama humano melhor que o filme com ganhadores de Oscars. Ele me perguntou: Que drama é este? Respondi: O Drama da Vida. Ele continuou: Mas, todos fazemos parte desse drama. Por que o senhor acha melhor? Respondi: Porque não me identifico com ele, faço o que precisa ser feito, não me emociono nem me entristeço com os seus acontecimentos.

O CAPÍTULO 10 nos fala sobre os diferentes egos e nos explica que, na vida interna das pessoas, não existe harmonia, porque ali existe um amontoado de egos. Isso é a causa de tantas mudanças na vida diária de cada um de nós: ciúmes, risadas, choros, raiva, susto. Estas características nos mostram as mudanças e alterações variadas a que nos expõem os egos que formam nossa personalidade.

O CAPÍTULO 11 fala sobre nosso querido ego, explicando que os egos são valores psicológicos positivos e negativos. Ensina também a prática da auto-observação interior. Com isso, podemos descobrir os muitos egos que vivem dentro de nossa personalidade.

O CAPÍTULO 12 fala da mudança radical. Explica que não é possível nenhuma mudança em nossa mente sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que temos dentro de nós. Quando aprendermos que não somos um, mas vários, tomamos o caminho do autoconhecimento. Conhecimento e compreensão são diferentes: o primeiro é da mente; o segundo, é do coração.

O CAPÍTULO 13 fala do “atleta da auto-observação interior” – que é todo aquele que trabalha seriamente sobre si mesmo e se esforça por separar os elementos indesejáveis que carregamos dentro de nós. Para nos conhecermos, devemos dividir a atenção em “observador” e “observado”. Sem isso, jamais poderemos chegar ao autoconhecimento.

O CAPÍTULO 14 fala sobre os pensamentos negativos. Vemos também que todos os egos possuem inteligência e usam nosso centro intelectual para criar conceitos, ideias, análises, etc., os quais indicam que não possuímos mente individual. Vemos, neste capítulo, que os egos usam de forma abusiva nosso centro pensante.

O CAPÍTULO 15 fala sobre a “individualidade”. Aqui, a gente se dá conta que não temos nem vontade própria, nem individualidade. Mediante a auto-observação íntima, podemos ver as criaturas que vivem dentro de nossa mente (os egos) e que devemos eliminar para obter uma transformação radical, posto que a individualidade é sagrada. Vemos o caso das professoras que passam a vida toda corrigindo as crianças e assim chegam à velhice porque também confundiram o drama da vida.

Os demais capítulos, entre o 16 e o 32, são bem interessantes para quem está interessado em deixar de ser massa, para quem aspira a ser algo na vida, para as águias altaneiras, para os revolucionários de consciência e de espírito indomável e para aqueles que se negam a se curvar diante dos donos deste mundo.

O CAPÍTULO 16 fala acerca do “livro da vida”. É conveniente observar a repetição das palavras diárias, a recorrência das coisas do dia-a-dia. Tudo isso nos leva ao autoconhecimento.

O CAPÍTULO 17 fala sobre as “criaturas mecânicas” e nos diz que, quando alguém não se auto-observa, não pode se dar conta da incessante repetição diária. Quem não deseja observar a si mesmo, tampouco deseja trabalhar para obter verdadeira transformação radical. Nossa personalidade é tão só uma marionete, um boneco falante, algo mecânico. Somos meros repetidores de eventos. Nossos hábitos são sempre os mesmos; nunca queremos mudá-los.

O CAPÍTULO 18 trata do “Pão Supersubstancial”. Os hábitos nos mantêm petrificados. Somos pessoas mecânicas, carregadas de velhos hábitos; precisamos gerar modificações internas. Para isso, a auto-observação é indispensável.

O CAPÍTULO 19 fala do “bom dono de casa”. Precisamos nos isolar do drama da vida; é preciso vigiar a mente. Este trabalho vai contra a vida. Trata-se de algo bem diferente da vida diária. Enquanto alguém não mudar internamente, sempre será vítima das circunstâncias. O bom dono de casa é aquele que nada contra a correnteza; poucos são aqueles que não querem se deixar devorar pela existência.

O CAPÍTULO 20 fala dos “dois mundos”, e nos mostra que o verdadeiro conhecimento, aquele que pode gerar em nós profunda mudança, tem por base a auto-observação direta. A auto-observação interna é o meio para mudarmos psicologicamente. Mediante a auto-observação, aprendemos a trilhar o caminho interior. O sentido da auto-observação está atrofiado hoje. Mas, esse sentido volta a se desenvolver quando perseveramos na prática do mesmo. Assim como aprendemos a caminhar no mundo externo, igualmente, mediante o trabalho psicológico sobre nós mesmos, aprendemos a caminhar no mundo interno.

O CAPÍTULO 21 fala sobre a auto-observação de si mesmo. Diz que a observação é um método prático para obter a transformação radical. “Conhecer” não é “observar”. É preciso não confundir o “conhecer” com o “observar”. A observação de si é 100% ativa; é um meio de transformação, enquanto que o conhecer é passivo e não transforma. A atenção dinâmica provém do lado observante enquanto os pensamentos e sentimentos pertencem ao lado do observado. O conhecer é algo completamente mecânico, passivo. Em troca, a observação de si mesmo é um ato consciente.

O CAPÍTULO 22 aborda “o diálogo interior”. Esse “diálogo interior” é prejudicial, visto que são nossos egos falando entre si e enfrentando-se mutuamente. Quando perceberes que estás “falando sozinho”, observa-te bem e descobrirás a bobagem que estás fazendo.

O CAPÍTULO 23 fala do mundo das relações. Diz que há três estados de relacionamentos: Com nosso corpo, com o mundo exterior e conosco mesmo. Para a maioria das pessoas, este último não tem importância. Elas se preocupam unicamente com seu corpo e com o mundo exterior. Devemos estudar para saber com quais desses três estamos falhando. A falta de eliminação interior [de defeitos] faz com que não estejamos relacionados conosco mesmos e isso faz com que permaneçamos em trevas. Quando estiveres abatido, desorientado, confuso, lembra-te de ti mesmo, e isso fará com que as células de teu corpo recebam um alimento diferente.

O CAPÍTULO 24 fala sobre a “canção psicológica”. Aborda os aspectos da zombaria, das justificativas, das perseguições, de acreditar que os outros sempre são culpados de tudo que nos acontece, etc. Em compensação, para as coisas boas, sempre dizemos que somos nós. Nunca poderemos melhorar dessa forma. O homem, aprisionado pelos conceitos que cria, pode se tornar útil ou inútil. Esta não é a tônica para nos auto-observarmos e melhorarmos. Aprender a perdoar é indispensável para nosso melhoramento interno. A Lei de Misericórdia é mais elevada que a Lei do Homem Violento, do “olho por olho, dente por dente”. A Gnose é destinada aos aspirantes sinceros, que verdadeiramente querem trabalhar e mudar. Mas, cada um

prefere cantar sua canção psicológica. As lembranças tristes das coisas vividas nos amarram ao passado e não permitem que vivamos o presente, desfigurando-o. Para passar a um nível superior é indispensável deixar de ser o que somos hoje. Acima de cada um de nós há níveis superiores para escalar.

O CAPÍTULO 25 fala sobre o “retorno e a recorrência”. Ensina que a Gnose é transformação, renovação, melhoramento incessante. Quem não quer melhorar, se aperfeiçoar, perde seu tempo, porque, além de não avançar, permanece no caminho do retrocesso, e, portanto, se torna incapaz de se conhecer. Com justa razão diz o Mestre que somos marionetes repetindo as cenas da vida. Quando refletimos sobre esses fatos, damos conta que somos artistas que trabalham em vão no drama da vida diária. Quando temos o poder de vigiar-nos para observar o que faz e executa nosso corpo físico, colocamo-nos no caminho da auto-observação consciente e observamos que uma coisa é a consciência, a que conhece, e outra coisa, é a que executa e obedece, ou seja: nosso próprio corpo. A comédia da vida é dura e cruel com aquele que não sabe acender os fogos internos; consome-se no próprio labirinto em meio às profundas trevas, onde vivem, prazerosamente, nossos egos.

O CAPÍTULO 26 fala sobre a autoconsciência infantil. Diz que quando a criança nasce, a Essência se reincorpora. Isso dá beleza à criança. Depois, à medida que vai se desenvolvendo a personalidade, os egos das vidas passadas também vão reincorporando, e a criança perde a sua beleza natural.

O CAPÍTULO 27 trata do “publicano e do fariseu”. Diz que cada um de nós se apoia sobre algo que possui. É disso o impulso de ter algo: títulos, bens, dinheiro, fama, posição social, etc. O homem e a mulher inflados de orgulho são os que mais necessitam do necessário para viver. O homem se apoia unicamente sobre bases externas. É um inválido, porque no dia que perder seu apoio, se tornará a criatura mais infeliz do mundo.

Quando nos sentimos superiores aos demais, estamos engordando nossos egos e assim nos recusamos a alcançar a bem-aventurança. Para o trabalho esotérico, nossos próprios elogios são obstáculos que se opõem a todo avanço espiritual. Quando nos auto-observamos podemos descobrir as bases sobre as quais nos apoiamos. Devemos pôr muita atenção às coisas que nos ofendem ou machucam. Assim, descobriremos as bases psicológicas sobre as quais estamos apoiados.

Neste caminho de melhoramento, aquele que se crê superior ao outro, estanca e retrocede. No processo iniciático de minha vida operou-se uma grande mudança quando, afligido por milhares de asperezas, desenganos e infortúnios, fiz em meu lar um curso de “pária”. Abandonei a pose do “eu sou o senhor desta casa” para sentir-me como um triste mendigo, enfermo e sem nada na vida. Tudo mudou em minha vida porque me davam café da manhã, almoço e jantar, roupa limpa e o direito de dormir na mesma cama de minha patroa (a esposa). Isso só durou alguns dias porque minha família não aguentou essa tática ou essa atitude guerreira. É preciso aprender a transformar o mal em bem, as trevas em luz, o ódio em amor, etc.

O Ser não discute nem entende as injúrias dos egos que disparam nossos inimigos ou amigos. Os que sentem esses golpes são os egos que prendem nossa alma. Eles enfrascam [a alma] e reagem coléricos e iracundos. Aos egos interessa ir contra o Cristo Interno, contra nossa própria semente. Quando nossos estudantes pedem remédio para curar as poluições noturnas, aconselhamos que abandonem a ira. Os que isso fizeram, obtiveram benefícios.

O CAPÍTULO 28 fala sobre a “vontade”, dizendo que devemos trabalhar na obra do Pai. Mas, os estudantes creem que isso quer dizer “trabalhar com o Arcano AZF”. [Mas a Obra do Pai é] o trabalho sobre nós mesmos, o trabalho com os três fatores que libertam nossa consciência; devemos conquistar-nos internamente, libertar o Prometeu que temos acorrentado dentro de nós. A vontade criadora é obra nossa, qualquer que seja a circunstância em que nos encontremos. A emancipação da Vontade surge com a eliminação de nossos defeitos, e a natureza nos obedecerá.

O CAPÍTULO 29 fala da “decapitação”. Assinala que os momentos mais tranquilos de nossas vidas são os menos favoráveis para nos autoconhecer. Isso só se consegue no trabalho da vida, nas relações sociais, negócios, atividades, enfim, é na vida diária quando mais afloram nossos defeitos. O sentido da auto-observação interna está atrofiado no ser humano. Esse sentido se desenvolve em forma progressiva com a auto-observação que realizamos de momento a momento e com o uso contínuo.

Tudo que está fora do lugar é mau; deixa de ser mau quando volta ao seu lugar, quando está em seu lugar. Só com o poder da Deusa Mãe em nós, a Mãe RAM-IO, poderemos destruir os egos dos diferentes níveis mentais. A fórmula para isso está nos livros do Mestre Samael. Stella-Maris é a assinatura astral, a potência sexual. Ela tem o poder de desintegrar as aberrações que levamos em nossa mente. Tonantzín decapita todos os egos.

O CAPÍTULO 30 fala do “centro de gravidade permanente”. Explica que cada pessoa é uma máquina a serviço dos inumeráveis egos que possui. Portanto, a pessoa não possui um centro de gravidade permanente. Por isso, há tanta instabilidade no trabalho de autorrealização íntima do Ser. É preciso continuidade de propósito e isso se consegue extirpando-se os egos que temos em nosso interior. Se não trabalhamos sobre nós mesmos, involuímos e degeneramos. O processo da Iniciação nos põe no caminho da superação, nos conduz ao estado angélico-déxico.

O CAPÍTULO 31 aborda o trabalho esotérico gnóstico e ensina que é preciso examinar ou reconhecer o ego. O [pré]requisito indispensável para destruí-lo é a observação. Isso permite a entrada de um raio de luz em nosso interior. A destruição dos egos analisados [previamente] deve ir acompanhada de serviços em favor dos demais, dando-lhes o ensinamento para que também se libertem dos demônios ou egos que impedem a sua própria redenção.

O CAPÍTULO 32 fala da “oração no trabalho” [gnóstico]. Ensina que a observação, o julgamento e a execução são os três passos básicos da dissolução do ego. Primeiro se observa; segundo, se julga; terceiro, se executa o ego. Assim também se faz com os espiões na guerra. O sentido da auto-observação interna, conforme vai se desenvolvendo, nos permite ver o avanço progressivo de nosso trabalho.

Há 25 anos, no Natal de 1951, nos dizia o Mestre, aqui na cidade de Ciénaga – e mais tarde explicaria na Mensagem de Natal de 1962: “Estou com vocês até que hajam formado o Cristo em vosso coração”.

“Sobre vossos ombros pesa a responsabilidade do povo de Aquário. A doutrina do amor se expande através do conhecimento gnóstico. Se quiserdes seguir a doutrina do amor, deveis deixar de odiar, mesmo em sua mínima manifestação. Isso nos prepara para o nascimento da Criança de Ouro da Alquimia, o filho da castidade, o Cristo Interno que vive e palpita no fundo mesmo de nossa energia criadora. Assim obteremos a morte das legiões de egos satânicos que mantemos dentro de nós e nos preparamos para a ressurreição, para uma transformação total. Esta Santa Doutrina os humanos desta Era não compreendem, mas, devemos lutar por isso no culto de todas as religiões, para que [esses humanos] anelem uma vida superior, dirigida por seres superiores. Este corpo de doutrina nos remete à doutrina do Cristo Íntimo, e quando a praticarmos, mudaremos o futuro da humanidade”.

PAZ INVERENCIAL

Capítulo 1 - Os níveis de ser

— Quem somos? De onde viemos? Para onde vamos? Para que vivemos? Por que vivemos?

Sem dúvida, o pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, não só não sabe, como nem sequer sabe que não sabe.

O pior de tudo é a situação, bastante difícil e bastante estranha, em que nos encontramos. Ignoramos o segredo de todas as nossas tragédias e, no entanto, estamos convencidos de que sabemos tudo.

Levemos um mamífero racional, uma dessas pessoas que na vida se diz influente, ao meio do deserto do Saara. Deixemo-la aí, longe de qualquer oásis e observemos de uma nave aérea tudo que irá acontecer.

Os fatos falarão por si mesmos. O humanoide intelectual, ainda que se julgue forte e se considere homem, no fundo é espantosamente fraco.

O animal racional é cem por cento tolo. Pensa o melhor de si mesmo e acredita que pode se desenvolver maravilhosamente mediante livros, cartilhas, escolas primárias, secundária, universitária, etc..

Infelizmente, atrás de tantos estudos, boas maneiras, títulos e dinheiro, bem sabemos que qualquer dor de estômago nos entristece, e que, no fundo, somos infelizes e miseráveis.

Basta ler a História Universal para saber que somos os mesmos bárbaros do passado, e que, em vez de melhorar, nos tornamos piores.

O século XX, com suas guerras, prostituições, sodomias, degeneração sexual, drogas, alcoolismo, crueldades, monstrosidades, extrema perversidade, etc., é o espelho vivo onde devemos nos olhar.

Portanto, não há motivo algum para nos vangloriarmos, acreditando haver chegado a uma etapa superior de desenvolvimento.

Pensar que o tempo significa progresso é um absurdo. Infelizmente, os ignorantes letrados continuam presos ao dogma da evolução.

Em todas as negras páginas da negra história humana encontramos sempre as mesmas e horrorosas crueldades, ambições, guerras, etc.

No entanto, nossos supercivilizados contemporâneos estão convencidos que isso tudo é algo sem importância, um acidente de percurso que nada tem a ver com a tão cacarejada civilização moderna.

A única coisa importante é o modo de ser de cada pessoa. Alguns são bêbados; outros, abstinências; alguns são honrados e, outros, sem-vergonha. De tudo há na vida...

A massa é a soma dos indivíduos. Portanto, assim como é o indivíduo assim será a massa, o governo, etc.

Sendo a massa a extensão do indivíduo não será possível a transformação das massas, do povo, enquanto o indivíduo, cada pessoa, não se transformar.

Ninguém pode negar que existem distintos níveis sociais. Há pessoas de igreja e de prostíbulo, de comércio e de campo, etc. Logo, há também distintos níveis de ser. O que internamente somos — magníficos ou mesquinhos, generosos ou sovinas, violentos ou pacíficos, castos ou luxuriosos — assim também serão as diversas circunstâncias da nossa vida.

O luxurioso sempre atrairá cenas, dramas e tragédias de lascívia e luxúria, acabando por se envolver nas mesmas. O bêbado atrairá outros bêbados e sempre se verá metido em bares e cantinas. Isso é óbvio!

— Quê atrairá o usurário? O egoísta? Quantos problemas! Desgraças! Cadeia!

No entanto, as pessoas amarguradas e cansadas de sofrer têm vontade de mudar, de virar a página de sua história.

Pobre gente! Querem mudar e não sabem como! Não conhecem o procedimento! Estão metidas numa rua sem saída...

O que lhes aconteceu ontem continua acontecendo hoje e se repetirá amanhã. Sempre cometerão os mesmos erros. Não aprendem as lições da vida nem a canhoneiros.

Repetem sempre a mesma história: dizem as mesmas coisas, fazem as mesmas coisas e lamentam as mesmas coisas.

Esta repetição aborrecida de dramas, comédias e tragédias continuará enquanto carregarmos em nosso interior os indesejáveis elementos da ira, da cobiça, da luxúria, da inveja, do orgulho, da gula, da preguiça, etc.

— Qual é o nosso nível moral? Melhor diríamos, qual é o nosso nível de ser?

Enquanto não mudarmos radicalmente nosso nível de ser continuaremos envolvidos nas mesmas misérias, nas mesmas desgraças e nos mesmos infortúnios.

Todas as coisas, todas as circunstâncias que ocorrem fora de nós, no cenário deste mundo, são exclusivamente o reflexo do que temos internamente. Não sem razão podemos afirmar solenemente que o exterior é o reflexo do interior.

Quando alguém muda interiormente, e essa mudança é radical, as circunstâncias da vida também mudarão.

Estive observando, tempos atrás, um grupo de pessoas que invadiu um terreno alheio. Aqui no México, essa gente é conhecida como “paraquedistas”.

São vizinhos da colônia campestre de Churubusco; estavam bem próximos de minha casa.

Por esse motivo pude estudá-los de perto.

Ser pobre jamais foi crime! O grave não é isso, e sim, o seu baixo nível de ser. Diariamente brigam entre si, embriagam-se, insultam-se mutuamente, convertem-se em assassinos dos seus próprios companheiros de infortúnio. Vivem em imundas choças, dentro das quais, em vez de amor, reina o ódio.

Muitas vezes pensei comigo mesmo: Se qualquer um desses sujeitos eliminasse do seu interior o ódio, a ira, a luxúria, a embriaguez, a maledicência, a crueldade, o egoísmo, a calúnia, a inveja, o amor próprio, o orgulho, etc., passaria a gostar de outras pessoas; se associaria, pela simples lei de afinidades psicológicas, com pessoas mais refinadas, mais espiritualizadas; e essas novas relações seriam definitivas para sua mudança econômica e social.

Este é o sistema que permite qualquer pessoa abandonar a estrebaria, a imunda cloaca em que vive.

Assim, pois, se realmente queremos uma mudança radical, a primeira coisa que devemos compreender é que cada um de nós, seja branco ou negro, amarelo ou vermelho, ignorante ou letrado, etc., está em tal ou qual nível de ser.

— Qual é o vosso nível de ser? Haveis refletido alguma vez sobre isso?

Não é possível passar para outro nível simplesmente ignorando o estado em que nos encontramos.

Capítulo 2 - A maravilhosa escada

Temos que aspirar a uma verdadeira mudança para sairmos dessa rotina aborrecida, para sairmos dessa vida meramente mecânica e cansativa.

O que devemos compreender em primeiro lugar, com total clareza, é que cada um de nós, quer sejamos burgueses ou proletários, remediados ou classe média, ricos ou pobres, encontra-se num determinado nível de ser.

O nível de ser do bêbado é diferente do nível de ser de um abstinente; o nível de ser da prostituta é bem diferente do nível de ser de uma donzela. Quanto a isso não existe a menor sombra de dúvida.

Ao chegarmos a esta etapa deste capítulo, nada perderemos se imaginarmos uma escada, cheia de degraus, posta na vertical. Imaginemos agora que nos encontramos num desses degraus. Abaixo, estão pessoas piores que nós; acima, pessoas bem melhores que nós.

Nessa extraordinária escada vertical podemos encontrar todos os níveis de ser. Cada pessoa é diferente; isso não se pode negar.

É evidente que não estamos falando de gente bonita ou feia. Tampouco estamos nos referindo à idade. Há gente jovem e velha, adultos e recém-nascidos que estão para morrer.

A questão do tempo, da idade, dos nascimentos, das mortes, do crescimento, casamento, geração de filhos, etc. tudo isso pertence à linha horizontal da escada da vida.

Na vertical dessa escada maravilhosa da vida não cabe o conceito de tempo. Nos degraus dessa escada só encontramos os níveis de ser.

A esperança mecânica das pessoas não serve para nada; creem que com o tempo as coisas ficarão melhores. Assim pensavam nossos avós e bisavós; os fatos vieram demonstrar justamente o contrário.

A única coisa que importa é o nível de ser em que nos encontramos agora. Acharmo-nos num determinado degrau, porém podemos subir para um outro.

A maravilhosa escada, da qual estamos falando, e que se refere aos diferentes níveis de ser, certamente nada tem a ver com o tempo linear.

A cada momento sempre existe um nível de ser mais elevado. Ele não está em nenhum remoto futuro horizontal, mas, sim, aqui e agora, dentro de nós mesmos, na vertical.

É simples compreender que as duas linhas — horizontal e vertical — se encontram, de momento a momento, em nosso interior psicológico, formando uma cruz.

A personalidade se forma e se desenvolve na linha horizontal da vida. Ela nasce e morre em seu tempo linear. É perecível e não existe qualquer amanhã para a personalidade de quem morre. A personalidade não é o Ser.

Os níveis de ser nada têm a ver com a linha horizontal. O próprio Ser não é do tempo. Ele se encontra em nós, agora, na vertical. Portanto, seria um absurdo buscar o Ser fora de nós mesmos.

Não é nenhum exagero assentar como corolário o seguinte princípio: títulos, honrarias, méritos, comendas, etc. aqui do mundo físico não produzem nenhuma exaltação ou revalorização do Ser ou sua passagem para um degrau superior dos níveis de Ser.

Capítulo 3 - Rebeldia psicológica

Não será demais lembrar aos nossos leitores que existe um ponto matemático dentro de nós. Esse ponto jamais está no passado ou no futuro. Quem quiser descobrir esse misterioso ponto deve buscá-lo aqui e agora, dentro de si mesmo, exatamente neste instante, nem um segundo adiante nem um segundo atrás.

Os dois madeiros da santa cruz, vertical e horizontal, encontram-se nesse ponto. Achamo-nos, pois, de instante a instante, diante de dois caminhos: o horizontal e o vertical.

É claro que o horizontal é o mais trilhado. Por ele andam “Vicente e toda gente; Vilhega e todo aquele que chega; Raimundo e todo o mundo”.

É evidente que o vertical é diferente; é o caminho dos rebeldes inteligentes, dos revolucionários espiritualizados.

Quando alguém se lembra de si mesmo, quando trabalha sobre si mesmo, quando não se identifica com os problemas e as atribuições da vida, de fato passa a trilhar a senda vertical.

É óbvio que subir verticalmente não é uma tarefa fácil. Certamente, jamais foi fácil acabar com as emoções negativas e perder toda identificação com o trem existencial, muito bem representado pelos problemas de todo tipo, pelos negócios, dívidas, pagamentos de promissórias, hipotecas, contas de água, luz, telefone, gás, etc.

Os desocupados, aqueles que por tal ou qual motivo perderam o emprego, o trabalho, evidentemente sofrem por falta de dinheiro. Esquecer esse problema, não se identificar nem se preocupar com ele, manter-se sereno nessas circunstâncias, sem dúvida, é muito difícil.

Aqueles que sofrem, aqueles que choram, aqueles que foram vítimas de alguma traição, de algum mau momento na vida, de uma ingratidão, de uma calúnia ou de alguma fraude, realmente acabam esquecendo de si mesmos, esquecendo seu Real Ser Íntimo e identificando-se completamente com sua tragédia pessoal.

O trabalho sobre si mesmo é a característica fundamental do caminho vertical. Ninguém trilha a senda da sagrada rebeldia se jamais trabalhar sobre si mesmo.

O trabalho a que estamos nos referindo é de tipo psicológico. Está voltado para uma determinada transformação do momento presente em que nos encontramos.

Precisamos aprender a viver de instante a instante. Por exemplo: uma pessoa se encontra desesperada por causa de algum problema sentimental, econômico ou político; é claro que, nessa situação, sempre se esquece de si mesma. Mas, se essa pessoa se detiver um instante, se observar a situação e tratar de recordar-se de si mesma e se depois se esforçar para compreender o significado de sua atitude, se refletir um pouco, se pensar que tudo passa, que a vida é ilusória, fugaz, e que a morte reduz às cinzas todas as vaidades do mundo, se compreender que seu problema no fundo não é mais do que um fogo de palha, um fogo fátuo, que logo se apagará, verá, de repente, com surpresa, que tudo mudou.

Transformar reações mecânicas é possível mediante a confrontação lógica e a autorreflexão Íntima do Ser.

É evidente que as pessoas reagem mecanicamente diante das diversas circunstâncias da vida!

Pobre gente! Costumam sempre se comportar como vítimas. Quando alguém as elogia, sorriem; quando são humilhadas, sofrem. Insultam se são insultadas, ferem se são feridas. Nunca são livres. Seus semelhantes têm o poder de levá-las da alegria à tristeza e da esperança ao desespero num piscar de olhos.

Cada uma dessas pessoas que segue o caminho horizontal assemelha-se a um instrumento musical no qual seus semelhantes tocam o que lhes dá vontade.

Quem aprender a transformar suas reações mecânicas começa a trilhar o caminho vertical. Isso representa uma mudança fundamental no nível de ser — resultado extraordinário da rebeldia psicológica.

Capítulo 4 - A Essência

Todas as crianças e recém-nascidos são lindos e adoráveis devido à Essência. A Essência é a autêntica realidade da criança.

Lamentavelmente a Essência não chega a se desenvolver dentro de nós, alcançando apenas um grau muito incipiente.

Nosso corpo cresce e se desenvolve de acordo com as leis biológicas da espécie humana. No entanto, suas possibilidades são muito limitadas para a Essência.

De fato, sem ajuda, a Essência só pode se desenvolver até um pequeníssimo grau. Falando francamente e sem rodeios, podemos dizer que o crescimento espontâneo e natural da Essência só é possível durante os primeiros três, quatro ou cinco anos de idade; ou seja, na primeira etapa da vida.

As pessoas pensam que o crescimento e o desenvolvimento da Essência se realiza permanentemente, de forma contínua, de acordo com a mecânica da evolução. Mas, o gnosticismo universal ensina claramente que isso não é verdade.

Para que a Essência possa crescer mais, algo muito especial deve acontecer; algo novo precisa ser feito. Refiro-me ao trabalho sobre nós mesmos. O desenvolvimento da Essência só é possível à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

É preciso compreender que esses trabalhos não se referem às questões profissionais, como carpintaria, alfaiataria, engenharia, medicina, assuntos de linhas férreas, de escritório, carreira bancária, etc.

Esse tipo de ocupação é destinado para todos aqueles que desenvolveram a personalidade. O trabalho sobre nós mesmos é psicológico. Todos nós sabemos que temos dentro de nós isso que se chama ego, eu, mim mesmo, si mesmo.

Infelizmente, a Essência está engarrafada, enfrascada, dentro desse ego — o que é lamentável. Daí, dissolver o eu psicológico, desintegrar os elementos indesejáveis, é urgente e inadiável. Esse é o sentido do trabalho sobre nós mesmos.

Jamais poderemos libertar a Essência sem desintegrar previamente o Eu Psicológico. Na Essência estão a religião, o Buddha, a sabedoria, as partículas de dor do nosso Pai que está nos céus e todos os dados que precisamos para a autorrealização Íntima do Ser.

Não é possível aniquilar o eu psicológico sem eliminar previamente os elementos bestiais que trazemos dentro de nós mesmos.

Precisamos reduzir às cinzas a monstruosa crueldade dos tempos atuais: a inveja que infelizmente se converteu na mola secreta da sociedade, a insuportável cobiça que fez a vida tão amarga, a asquerosa maledicência e a calúnia que dão origem a tantas tragédias, as bebedeiras, a imunda luxúria que cheira tão mal, etc., etc., etc.

À medida que todas essas abominações forem sendo reduzidas à poeira cósmica, a Essência, além de se emancipar, crescerá e se desenvolverá harmoniosamente.

Não há dúvidas de que, quando o eu psicológico morre, resplandece em nós a Essência. De sua beleza emanam a felicidade perfeita e o verdadeiro amor.

A Essência possui múltiplos sentidos de perfeição e extraordinários poderes naturais. Quando morremos em nós mesmos, quando dissolvemos o eu psicológico, passamos a desfrutar dos preciosos sentidos e poderes da Essência.

Capítulo 5 - Acusar a si mesmo

A Essência que temos dentro de nós vem de cima, do céu, das estrelas.

De fato, a maravilhosa Essência provém da nota LÁ (a Via Láctea, a galáxia em que vivemos).

Preciosa, a Essência passa através da nota SOL (o Sol) e depois pela nota FÁ (a zona planetária), entra neste mundo e penetra em nosso próprio interior.

Nossos pais criaram o corpo apropriado para a recepção dessas Essências que vêm das estrelas.

Trabalhando intensamente sobre nós mesmos e sacrificando-nos por nossos semelhantes, regressaremos vitoriosos ao profundo seio de Urânia.

Nós estamos vivendo, neste mundo, por algum motivo, para alguma coisa, por algum fator especial.

Obviamente, em nós há muito que devemos ver, estudar e compreender se, na realidade, aspiramos saber algo sobre nós mesmos, sobre nossa própria vida.

Trágica é a existência daquele que morre sem ter conhecido o motivo da sua vida.

Cada qual deve descobrir por si mesmo o sentido de sua própria vida, aquilo que o mantém prisioneiro no cárcere da dor.

É claro que há em cada um de nós algo que nos amargura a vida e contra o que temos que lutar firmemente.

Não precisamos viver em desgraça. Basta reduzir à poeira cósmica isso que nos faz tão débeis e infelizes.

De nada serve nos envaidecer com títulos, honrarias, diplomas, dinheiro, cultura livresca, etc., etc., etc..

Não devemos esquecer jamais que a hipocrisia e as tolas vaidades da falsa personalidade fazem de nós criaturas ignorantes, retardatárias, reacionárias e incapazes de ver o novo.

A morte tem muitos significados — positivos ou negativos. Consideremos aquela magnífica observação do grande Kabir Jesus Cristo: “Que os mortos enterrem seus mortos”.

Muita gente, mesmo estando viva, está, de fato, morta para todo o possível trabalho sobre si mesma; portanto, para qualquer transformação íntima.

São pessoas engarrafadas em seus dogmas e crenças, gente petrificada nas recordações de muitos ontens, indivíduos cheios de preconceitos ancestrais, pessoas escravas da opinião alheia, criaturas espantosamente débeis e indiferentes, às vezes convencidas de conhecerem a verdade porque assim lhes foi ensinado, etc..

Esse tipo de gente não quer entender que este mundo é um ginásio psicológico através do qual é possível aniquilar toda essa terrível feiura interna que todos temos dentro de nós mesmos.

Se essas pobres pessoas compreendessem em que estado psicológico se encontram tremeriam de horror.

Porém, todo mundo pensa sempre o melhor de si mesmos; orgulham-se de suas virtudes; sentem-se perfeitas, bondosas, nobres, caridosas, inteligentes, cumpridoras de seus deveres, etc..

A vida prática é formidável como escola psicológica. Mas, tomá-la como um fim em si mesmo é manifestamente absurdo.

Aqueles que tomam a vida em si mesma tal como se vive diariamente não compreenderam a necessidade de trabalhar sobre si mesmos para conseguir uma Transformação radical.

Infelizmente, as pessoas vivem de forma mecânica. Nunca ouviram falar nada sobre o trabalho interior.

Mudar é necessário, porém, as pessoas não sabem como mudar. Sofrem muito e sequer sabem porque sofrem.

Ter dinheiro não é tudo. A vida de muitas pessoas ricas costuma ser verdadeiramente trágica.

Capítulo 6 - A vida

No terreno da vida prática descobrimos sempre contrastes surpreendentes. Gente endinheirada, morando em belas residências e com muitas amizades, às vezes sofre espantosamente.

Por outro lado, humildes operários ou pessoas da classe média às vezes costumam viver em completa felicidade.

Muitos multimilionários sofrem de impotência sexual e ricas senhoras choram amargamente a infidelidade do marido.

Os senhores da terra parecem abutres em jaulas de ouro por estes tempos; não conseguem viver sem guarda-costas. Os homens de estado arrastam cadeias; nunca estão livres, andando por todos os lados rodeados de gente armada até os dentes.

Estudemos essa situação mais detidamente. Necessitamos saber o que é a vida. Cada um é livre para opinar como quiser. Mas, digam o que disserem, certamente ninguém sabe nada; a vida é um enigma que ninguém entende.

Quando as pessoas desejam nos contar gratuitamente a história de suas vidas, citam nomes, acontecimentos, apelidos, datas, etc.. Sentem prazer fazendo seus relatos.

Essa pobre gente ignora que seus relatos estão incompletos; eventos, nomes e datas são tão somente o aspecto externo da história; fica faltando o aspecto interno.

Precisamos conhecer os estados de consciência. A cada evento corresponde um estado anímico próprio. Os estados de consciência são interiores e os eventos são exteriores. Os acontecimentos externos não são tudo.

Entenda-se por estados interiores as boas ou más disposições, as preocupações, a depressão, a superstição, o temor, a suspeita, a misericórdia, a autoconsideração, o apreço a si mesmo, as maneiras de se sentir feliz, os estados de gozo, etc..

Quanto aos estados interiores, esses podem corresponder exatamente aos acontecimentos exteriores ou serem originados por eles ou ainda não ter relação alguma com os mesmos.

Em todo caso, estados e eventos são diferentes. Nem sempre as ocorrências correspondem exatamente aos estados afins.

O estado interior de um evento agradável poderia não ser correspondente com o mesmo.

O estado interior de um evento desagradável poderia não ser correspondente com o mesmo.

Acontecimentos aguardados durante muito tempo, quando chegaram, foi como se faltasse algo.

Certamente, faltava o correspondente estado interior que devia combinar com o acontecimento exterior.

Muitas vezes, o acontecimento que não se esperava veio a ser o que melhores momentos nos proporcionaram.

Capítulo 7 - O estado interior

Combinar estados interiores com acontecimentos exteriores de forma correta é saber viver inteligentemente.

Qualquer evento, inteligentemente vivenciado, exige seu correspondente estado interior específico.

Porém, infelizmente, as pessoas quando revisam suas vidas, pensam que ela, em si mesma, está constituída exclusivamente de eventos exteriores.

Pobre gente! Pensa que se tal ou qual acontecimento não lhes tivesse ocorrido, sua vida teria sido melhor.

Supõem que a sorte lhes saiu ao encontro e que perderam a oportunidade de serem felizes.

Lamentam o perdido, choram o que desprezaram, gemem recordando os velhos tropeços e calamidades.

Não querem se dar conta que vegetar não é viver e que a capacidade para existir conscientemente depende exclusivamente da qualidade dos estados interiores da alma.

Não importa certamente quão belos sejam os acontecimentos externos da vida. Se não nos encontrarmos, em tais momentos, com o estado interior apropriado, estes melhores eventos poderão nos parecer monótonos, cansativos ou simplesmente aborrecidos

Alguém aguarda com ansiedade a festa do casamento. É um acontecimento. Porém, pode acontecer que, estando tão preocupado, no momento exato do evento este não lhe proporcione nenhum prazer, podendo até se tornar tão árido e frio como um protocolo.

A experiência ensinou-nos que nem todas as pessoas que participam de um banquete ou de um baile se divertem de verdade.

Nunca falta um aborrecimento no melhor da festa. As peças mais famosas alegram uns e fazem chorar outros.

Bem raras são as pessoas que sabem combinar, conscientemente, o evento externo com o estado interno apropriado.

É lamentável que as pessoas não saibam viver conscientemente; choram quando devem rir e riem quando devem chorar.

Controle é diferente. O sábio pode estar alegre, mas jamais tomado de louco frenesi; triste, mas nunca desesperado e abatido; sereno no meio da violência, abstinência na orgia; casto entre a luxúria, etc.

As pessoas melancólicas e pessimistas pensam o pior da vida e, francamente, não desejam viver.

Todos os dias vemos gente que não somente é infeliz, como também — isso é o pior — tornam amarga a vida dos demais.

Gente assim não mudaria nem vivendo diariamente de festa em festa. Levam a enfermidade psicológica em seu interior.

Esse tipo de gente possui estados íntimos definitivamente perversos. No entanto, esses sujeitos se acham justos, santos, virtuosos, mártires, nobres, caridosos, etc., etc., etc.

São pessoas que se autoconsideram muito, pessoas que querem demasiadamente a si mesmas, pessoas que sempre buscam escapatórias para fugir de suas próprias responsabilidades.

Pessoas assim estão acostumadas a emoções inferiores e, por esse motivo, criam diariamente elementos psíquicos infra-humanos.

Os eventos infelizes, os reveses da fortuna, miséria, dívidas, problemas, etc., são exclusividade das pessoas que não sabem viver.

Qualquer um pode formar uma rica cultura intelectual, mas são bem poucas as pessoas que aprenderam a viver retamente.

Quando alguém quer separar os eventos exteriores dos estados interiores da consciência, demonstra concretamente sua incapacidade para existir dignamente.

Aqueles que aprendem a combinar conscientemente eventos exteriores e estados interiores marcham pelo caminho do êxito.

Capítulo 8 - Os estados equivocados

É inquestionável que, na rigorosa observação do mim mesmo, é muito importante distinguir claramente os acontecimentos exteriores da vida prática e os estados íntimos da consciência.

Necessitamos, com urgência, saber onde estamos situados num determinado momento, tanto em relação ao estado íntimo da consciência quanto em relação à natureza específica do acontecimento externo que está nos ocorrendo.

A vida em si mesma é uma série de acontecimentos que se processam através do tempo e do espaço. Alguém já disse que a vida é uma cadeia de martírios que leva o homem enredado na alma.

Cada um é livre para pensar como quiser. Eu creio que os efêmeros prazeres de um instante fugaz são sempre sucedidos pelo desencanto e pela amargura.

Cada acontecimento tem seu sabor característico especial; o mesmo se dá com os estados interiores. Quanto a isso não existe a menor sombra de dúvida.

Certamente, o trabalho interior, o trabalho sobre si mesmo, refere-se, de forma enfática, aos diversos estados psicológicos da consciência.

Ninguém pode negar que trazemos muitos erros em nosso interior e que ali existem muitos estados equivocados.

Se verdadeiramente queremos mudar, necessitamos, com a máxima urgência, modificar radicalmente esses estados equivocados da consciência.

A completa modificação dos estados equivocados produz transformações também completas no terreno da vida prática.

Quando alguém trabalha seriamente sobre seus estados equivocados, obviamente as desagradáveis ocorrências da vida deixam de atingi-lo tão facilmente.

Estamos dizendo algo que só é possível de ser compreendido com a vivência; algo que só pode ser sentido no terreno mesmo dos fatos do dia-a-dia.

Quem não trabalha sobre si mesmo sempre é vítima das circunstâncias; é como um pobre pedaço de madeira atormentado pelas águas do oceano.

Os acontecimentos mudam incessantemente, através de múltiplas combinações; eles surgem um após o outro, como influências, em forma de ondas.

Evidente que existem acontecimentos positivos e acontecimentos negativos; alguns eventos são melhores ou piores do que outros.

Modificar os eventos é possível. Alterar os resultados, modificar as situações, etc. , certamente está dentro das nossas possibilidades.

Porém, existem situações que, de fato, não podem ser alteradas. Nesses casos, temos que aceitá-las conscientemente, ainda que algumas delas sejam muito perigosas e até dolorosas.

Não há dúvida que a dor desaparece quando não nos identificamos com o problema que se apresentou.

Devemos considerar a vida como uma série sucessiva de estados interiores; a autêntica história da nossa vida particular é formada por todos esses estados.

Ao revisar a totalidade de nossa própria existência, podemos verificar, por nós mesmos, de forma direta, que muitas situações desagradáveis foram possíveis graças aos estados interiores equivocados.

Alexandre Magno, ainda que, por natureza, sempre tenha sido comedido, por orgulho entregou-se aos excessos que lhe causaram a morte.

Francisco I morreu por causa de um sujo e deplorável adultério, o qual a história ainda se lembra muito bem.

Quando Marat foi assassinado por uma perversa freira, morria de soberba e de inveja, mesmo se julgando completamente justo.

Sem dúvida, foram as damas do Parque de Serves que acabaram totalmente com a vitalidade do espantoso fornicário chamado Luiz XV.

Muitos morrem de ambição ou de ciúmes; os psicólogos sabem muito bem disso.

Otelo converteu-se em assassino devido aos ciúmes; as prisões estão cheias de equivocados sinceros.

Capítulo 9 - Os sucessos pessoais

Plena auto-observação íntima de si mesmo é inadiável quando se trata de descobrir estados psicológicos equivocados.

Sem dúvida, os estados interiores equivocados podem ser corrigidos mediante procedimentos adequados.

Sabendo-se que a vida interior é o ímã que atrai os acontecimentos externos, precisamos, urgentemente, eliminar de nossa mente os estados psicológicos equivocados.

Portanto, corrigir estados psicológicos equivocados é indispensável, quando se quer alterar profundamente a natureza de certos eventos indesejáveis.

Alterar a nossa relação com determinados eventos é possível se eliminarmos de nosso interior certos estados psicológicos equivocados.

Situações exteriores destrutivas podem se transformar em situações inofensivas e até construtivas mediante a inteligente correção dos estados interiores equivocados.

Quando alguém se purifica internamente pode mudar a natureza dos eventos desagradáveis que lhe acontecem.

Quem jamais corrige seus estados psicológicos equivocados, crendo-se muito forte, converte-se em vítima das circunstâncias.

Pôr ordem em nossa desordenada casa interior é fundamental quando se deseja mudar o curso de uma existência infeliz.

As pessoas se queixam de tudo; protestam, sofrem, choram, gostariam de mudar de vida, sair do infortúnio em que se encontram, mas, infelizmente, não trabalham sobre si mesmas.

As pessoas não querem se dar conta que a vida interior atrai as circunstâncias exteriores. Logo, se essas circunstâncias são absurdas, deve-se aos estados interiores absurdos.

O exterior é tão somente o reflexo do interior. Quem muda interiormente, dá origem a uma nova ordem de coisas.

Os eventos exteriores jamais poderiam ser tão importantes quanto o modo de reagir diante deles.

— Permaneceste calmo diante de um insultador? Recebeste com agrado as manifestações desagradáveis de teus semelhantes? De que maneira reagiste diante da infidelidade do ser amado? Deixaste-te levar pelo veneno dos ciúmes? Mataste? Estás na prisão?

Os hospitais, os cemitérios, as prisões estão cheias de equivocados sinceros que reagiram de forma equivocada frente aos eventos externos. A melhor arma que um homem pode usar na vida é um estado psicológico correto.

Alguém pode amansar feras e desmascarar traidores mediante estados interiores apropriados.

Os estados interiores equivocados convertem-nos em vítimas indefesas da perversidade humana.

Aprenda a enfrentar as ocorrências mais desagradáveis da vida prática com uma atitude interior apropriada.

Não se identifique com nenhum acontecimento e lembre-se que tudo passa. Aprenda a ver a vida como um filme e colherá os benefícios dessa atitude.

Não esqueça que acontecimentos sem nenhum valor podem levar à desgraça, se não eliminares da tua psique os estados interiores equivocados.

Cada evento exterior necessita, sem dúvida, do registro apropriado; ou seja, do exato estado psicológico.

Capítulo 10 - Os diferentes eus

O mamífero racional, equivocadamente chamado homem, realmente não possui uma individualidade definida.

É inquestionável que essa falta de unidade psicológica no humanoide é a causa de tantas dificuldades e amarguras.

O corpo físico é uma unidade completa e trabalha como um todo orgânico, menos quando está enfermo.

Porém, a vida interior do humanoide de forma alguma é uma unidade psicológica.

O mais grave de tudo isso — a despeito do que dizem as diversas escolas de tipo pseudoesotérico e pseudo-ocultista — é a ausência de organização psicológica no íntimo de cada indivíduo.

Certamente, em tais condições, não existe trabalho harmonioso, como um todo, na vida interior das pessoas.

O humanoide, no que diz respeito ao seu estado interior, é uma multiplicidade psicológica, um amontoado de eus.

Os ignorantes ilustrados desta tenebrosa época cultuam o eu, colocam-no no altar, endeusam. Chamam-no de Alter Ego, Eu Superior, Eu Divino, etc.

Os “donos da verdade” desta idade negra em que vivemos não querem se dar conta de que eu superior ou eu inferior são duas seções de um mesmo ego pluralizado.

O humanoide não tem, certamente, um eu permanente, mas, sim, uma multiplicidade de diferentes eus, absurdos e infra-humanos.

O pobre animal intelectual, equivocadamente chamado homem, é semelhante a uma casa em desordem, onde, em vez de um amo, existem muitos criados que querem sempre mandar e fazer o que bem entendem.

O maior erro do pseudoesoterismo e do pseudo-ocultismo modernos é supor que todos possuem ou que todos têm um eu permanente e imutável, sem princípio nem fim.

Se esses, que pensam assim, despertassem a consciência, ainda que fosse por um instante, poderiam evidenciar claramente, por si mesmos, que o humanoide racional nunca é o mesmo por muito tempo.

O mamífero intelectual, do ponto de vista psicológico, está continuamente mudando.

Pensar que, pelo fato de alguém se chamar “Luiz” seja sempre o mesmo “Luiz”, é algo assim como uma brincadeira de mau gosto.

Esse sujeito, chamado “Luiz”, tem, dentro de si, outros eus, outros egos, que se expressam através de sua personalidade em diferentes momentos. Ainda que o “Luiz” não goste da cobiça, outro eu, dentro dele, vamos chamá-lo de “Pedro”, gosta da cobiça; e assim, sucessivamente.

Nenhuma pessoa é sempre a mesma, de forma contínua. Realmente, não é necessário ser muito inteligente para perceber as inúmeras mudanças e contradições de cada indivíduo.

Supor que alguém possui um eu permanente e imutável equivale a abusar de si mesmo e do próximo.

A realidade é que dentro de cada pessoa existem muitas outras pessoas, muitos eus. Isso é possível de ser comprovado diretamente por si mesmo, por qualquer pessoa desperta, consciente.

Capítulo 11 - O querido ego

Como superior e inferior são duas seções de uma mesma coisa, não é exagero assentar o seguinte corolário: eu superior e eu inferior são dois aspectos do mesmo ego, tenebroso e pluralizado.

O assim chamado Eu Divino, Eu Superior, Alter-Ego ou algo parecido é, certamente, uma farsa do mim mesmo, uma forma de autoengano.

Quando o eu quer continuar vivendo, aqui e no além, se autoengana com o falso conceito de eu divino, imortal.

Nenhum de nós tem um eu verdadeiro, permanente, imutável, eterno, inefável, etc.

Nenhum de nós tem, em realidade, uma verdadeira e autêntica unidade de Ser. Infelizmente, sequer possuímos legítima individualidade.

O ego, ainda que continue além da sepultura, tem, no entanto, um princípio e um fim.

O ego, o eu, nunca é individual, unitário, unitotal. Obviamente, o ego são eus.

No Tibete Oriental os eus são chamados de agregados psíquicos ou, simplesmente, valores — sejam eles positivos ou negativos.

Se pensarmos que cada eu é uma pessoa diferente, podemos afirmar, de forma enfática, o seguinte: dentro de cada pessoa que vive no mundo há muitas pessoas.

Sem dúvida, dentro de cada um de nós vivem muitíssimas pessoas diferentes; algumas melhores; outras, piores.

Cada um desses eus, cada uma dessas pessoas luta pela supremacia; quer ser a única, quer controlar o cérebro intelectual ou os centros emocional e motor sempre que pode, até outro eu o afastar.

A doutrina dos muitos eus foi ensinada no Tibete Oriental pelos verdadeiros clarividentes, pelos autênticos iluminados.

Cada um dos nossos defeitos psicológicos está personalizado em tal ou qual eu. Como temos milhares e até milhões de defeitos, é evidente e ostensivo que vive muita gente em nosso interior.

Em termos psicológicos pudemos evidenciar claramente que os sujeitos paranoicos, os ególatras e os mitômanos, por nada deste mundo abandonariam o culto ao seu querido ego.

Sem dúvida, essas pessoas odeiam mortalmente a doutrina dos muitos eus.

Quando alguém, verdadeiramente, quer conhecer a si mesmo, precisa se auto-observar e tratar de conhecer os diferentes eus que estão metidos em sua personalidade.

Se algum dos nossos leitores ainda não compreendeu a doutrina dos muitos eus, isso se deve exclusivamente à falta de prática em matéria de auto-observação.

À medida que alguém pratica a auto-observação interior, vai descobrindo, por si mesmo, os muitos eus, as muitas pessoas que vivem em sua própria personalidade.

Aqueles que negam a doutrina dos muitos eus, aqueles que adoram um eu divino, sem dúvida, jamais se auto-observaram seriamente. Falando agora em estilo socrático, diremos que essa gente não somente ignora como ainda ignora que ignora.

Certamente, jamais poderemos nos conhecer sem uma auto-observação séria e profunda.

Enquanto alguém seguir se considerando uno, é claro que qualquer mudança interior não será possível.

Capítulo 12 - Transformação radical

Enquanto alguém persistir no erro de se julgar um, único ou individual, é evidente que não será possível nenhuma mudança radical.

O próprio fato de o trabalho esotérico começar com uma rigorosa observação de si mesmo está indicando uma multiplicidade de fatores psicológicos, eus ou elementos indesejáveis que temos que extirpar ou erradicar urgentemente de nosso interior.

É inquestionável que de forma alguma é possível eliminar erros desconhecidos. Urge que observemos previamente aqueles que queremos separar de nossa mente.

Esse tipo de trabalho não é externo, e sim, interno. Aqueles que pensam que qualquer manual de boas maneiras ou sistema ético, externo e superficial, pode levar-nos ao êxito, equivocam-se totalmente.

O fato concreto e definitivo de que o trabalho íntimo começa com a atenção concentrada em forma de observação plena de si mesmo é motivo mais que suficiente para demonstrar que isso exige um esforço pessoal muito especial.

Falando francamente e sem rodeios, afirmamos enfaticamente o seguinte: Nenhum ser humano pode fazer esse trabalho por nós.

Não é possível mudança alguma em nossa psique sem a observação direta de todo esse conjunto de fatores subjetivos que temos dentro.

Dar por aceita a multiplicidade de erros, descartando a necessidade do estudo e da observação direta dos mesmos, significa, de fato, uma evasiva, uma escapatória, uma fuga de si mesmo, uma forma de autoengano.

Só através do rigoroso esforço da observação judiciosa de si mesmo, sem escapatórias de espécie alguma, poderemos evidenciar que não somos um, e sim, muitos.

Admitir a pluralidade do eu e evidenciá-la através da rigorosa observação são dois aspectos diferentes.

Alguém pode aceitar a doutrina dos muitos eus sem jamais tê-la evidenciado. Essa evidência só é possível auto-observando-nos cuidadosamente.

Evitar o trabalho de observação íntima e buscar evasivas é sinal inconfundível de degeneração.

Enquanto um homem alimentar a ilusão de que é sempre uma única e mesma pessoa, não poderá mudar. É óbvio que a finalidade deste trabalho é precisamente conseguir uma transformação gradual em nossa vida interior.

Perdemos a possibilidade de uma transformação radical quando não trabalhamos sobre nós mesmos.

O ponto inicial da transformação radical permanece oculto enquanto o homem continua julgando-se uno.

Aqueles que rechaçam a doutrina dos muitos eus demonstram claramente que jamais se auto-observaram seriamente.

A severa observação de si mesmo, sem escapatória de espécie alguma, permite verificar o cru realismo de que não somos um e, sim, muitos.

No mundo das opiniões subjetivas, há várias teorias pseudoesotéricas ou pseudo-ocultistas que sempre servirão de escapatória para fugirmos de nós mesmos.

Não há dúvida de que a ilusão que temos de sempre sermos a única e mesma pessoa é um sério problema para a auto-observação.

Alguém poderia dizer: Sei que não sou um e sim muitos porque a gnose assim me ensinou. Esta afirmação, ainda que sincera, sem experiência direta ou vivência desse aspecto doutrinário, continuará sendo algo meramente externo e superficial.

Evidenciar, experimentar e compreender é o mais importante. Somente assim é possível trabalhar conscientemente para conseguir uma transformação radical.

Afirmar é uma coisa; compreender, é outra. Quando alguém diz: Compreendo que não sou um e, sim, muitos, se sua compreensão é verdadeira e não mero palavreiro sem substância da conversa vazia, isso indica, assinala e atesta plena verificação da doutrina dos muitos eus.

Conhecimento e compreensão são coisas diferentes. O conhecimento é da mente e a compreensão é do coração.

O mero conhecimento da doutrina dos muitos eus de nada serve. É uma lástima que, nos tempos atuais, o conhecimento tenha ido muito além da compreensão em função de o pobre animal intelectual equivocadamente chamado homem ter desenvolvido exclusivamente ao lado do conhecimento e esquecido o correspondente lado do Ser.

Conhecer a doutrina dos muitos eus e compreendê-la é fundamental para uma mudança radical e verdadeira.

Quando um homem começa a se observar detidamente, do ponto de vista de que não é um, mas, sim, muitos, obviamente iniciou um trabalho sério sobre a sua natureza interior.

Capítulo 13 - Observador e observado

Está muito claro e não é difícil de compreender que, quando alguém começa a observar seriamente a si mesmo, do ponto de vista de que não é um, e sim, muitos, realmente começa a trabalhar sobre tudo isso que carrega dentro.

É um problema, um obstáculo, um tropeço para o trabalho da auto-observação íntima os seguintes defeitos psicológicos:

- Mitomania: delírio de grandeza; crer-se um deus.
- Egoíatria: crença em um eu permanente; adoração a qualquer tipo de Alter-Ego.
- Paranoia: autossuficiência, presunção, julgar-se infalível, orgulho místico, pessoa que não sabe ver o ponto de vista alheio, “dono da verdade”.

Enquanto alguém continuar com a absurda convicção de que é um, que possui um eu permanente, o trabalho sério sobre si mesmo torna-se impossível.

Quem sempre se crê um, nunca será capaz de se separar de seus próprios elementos indesejáveis. Considerará cada pensamento, desejo, emoção, paixão, sentimento, afeto, etc., como funções diferentes, imodificáveis de sua própria natureza e até se justificará diante dos demais dizendo que tais ou quais defeitos pessoais são de caráter hereditário.

Quem aceita a doutrina dos muitos eus, compreende, à base de observação, que cada pensamento, desejo, ação, paixão, etc., corresponde a esse ou àquele eu diferente, distinto.

Qualquer atleta da auto-observação íntima trabalha seriamente dentro de si mesmo e se esforça para apartar de sua psique os diversos elementos indesejáveis que possui dentro.

Se alguém, verdadeira e sinceramente, começa a se observar internamente, termina se dividindo em dois: observador e observado.

Se tal divisão não acontecesse, é evidente que nunca daríamos um passo adiante na maravilhosa estrada do autoconhecimento.

Como poderíamos observar a nós mesmos se cometêssemos o erro de não querer nos dividirmos em observador e observado?

Se tal divisão não se produzisse, é óbvio que nunca daríamos um passo adiante no caminho do autoconhecimento.

Sem dúvida, quando essa divisão não ocorre, continuamos identificados com todos os processos do eu pluralizado.

Quem se identifica com os diversos processos do Eu Pluralizado é sempre vítima das circunstâncias.

— Como poderia modificar circunstâncias quem não conhece a si mesmo? Como poderia conhecer a si mesmo aquele que nunca se observou internamente? De que maneira poderia alguém se auto-observar se não se dividir previamente em observador e observado?

Agora, ninguém pode começar a mudar radicalmente enquanto não for capaz de dizer: Este desejo é um eu-animal que devo eliminar; este pensamento egoísta é outro eu que me atormenta e que preciso desintegrar; este sentimento que fere meu coração é um eu-intruso que tenho que reduzir à poeira cósmica, etc., etc., etc.

Naturalmente, isso é impossível para quem nunca se dividiu em observador e observado.

Quem toma todos seus processos psicológicos como funções de um eu único, individual e permanente está tão identificado com todos os seus erros, mantendo-os tão unidos a si mesmo, que acabou perdendo, por esse motivo, a capacidade de separá-los de sua mente.

Obviamente, pessoas assim jamais poderão mudar radicalmente; são pessoas condenadas ao mais rotundo fracasso.

Capítulo 14 - Pensamentos negativos

Pensar profundamente e com plena atenção é algo estranho nesta época involutiva e decadente.

Do centro intelectual surgem diversos pensamentos provenientes não de um eu permanente, como supõem nesciamente os ignorantes ilustrados, mas dos diferentes eus de cada um de nós.

Quando um homem está pensando, crê firmemente que ele, em si mesmo e por si mesmo, está pensando.

O pobre mamífero intelectual não quer se dar conta que os múltiplos pensamentos que cruzam seu entendimento têm origem nos distintos eus que traz dentro de si.

Isso significa que não somos verdadeiros indivíduos pensantes; realmente, ainda não temos uma mente individual.

Sem dúvida alguma, cada eu que está dentro de nós usa nosso centro intelectual, sempre que pode, para pensar.

Absurdo seria, pois, nos identificarmos com tal ou qual pensamento negativo e prejudicial, julgando-o propriedade particular.

É evidente que todo pensamento negativo provém de algum eu que num momento dado usa abusivamente nosso centro intelectual.

Há pensamentos negativos de vários tipos: suspeita, desconfiança, má vontade para com outra pessoa, ciúmes passionais, ciúmes religiosos, ciúmes políticos, ciúmes de amigos ou familiares, cobiça, luxúria, vingança, ódio, orgulho, inveja, ira, ressentimento, furto, adultério, preguiça, gula, etc., etc., etc.

De fato, são tantos os nossos defeitos psicológicos que, ainda que tivéssemos mil línguas para falar, não conseguiríamos enumerar todos eles.

Como sequência ou corolário do que foi dito, é um contrassenso nos identificarmos com os pensamentos negativos.

Como não é possível existir efeito sem causa, afirmamos solenemente que nunca um pensamento poderia existir por si mesmo, por geração espontânea.

A relação entre pensador e pensamento é ostensiva; cada pensamento negativo tem sua origem em um pensador diferente.

Em cada um de nós existem tantos pensadores negativos quantos pensamentos da mesma índole.

Olhada a questão desse ângulo pluralizado, de pensadores e pensamentos, decorre que cada um dos eus que temos em nossa psique é, certamente, um pensador diferente.

Inquestionavelmente, dentro de cada um de nós há demasiados pensadores e, no entanto, cada um deles, apesar de ser tão só uma parte, julga-se o todo, num dado momento.

Os mitômanos, os ególatras, os narcisistas, os paranoicos nunca aceitarão a tese da pluralidade de pensadores porque querem muito a si mesmos; julgam-se “o pai do Tarzan” ou “a mãe dos pintinhos”.

— Como poderia essa gente anormal aceitar a ideia de que não possui uma mente individual, genial e maravilhosa?

Sem a menor sombra de dúvida, esse tipo de gente sempre pensa de si o melhor, e até se veste com a túnica de Aristipo para demonstrar sabedoria e humildade.

Conta a lenda dos séculos que Aristipo, querendo demonstrar sabedoria e humildade, vestiu uma velha túnica, com remendos e furos; empunhou na direita o bastão dos filósofos e saiu pelas ruas de Atenas.

Dizem que quando Sócrates o viu se aproximando, exclamou com grande voz: Ó Aristipo, dá pra ver a tua vaidade pelos furos da tua veste.

Quem não vive sempre em estado de “alerta novidade” ou “alerta percepção”, pensando que está pensando, se identifica facilmente com qualquer pensamento negativo.

A consequência disso é o lamentável fortalecimento do sinistro poder do eu negativo, autor do correspondente pensamento em questão.

Quanto mais nos identificamos com um pensamento negativo, tanto mais escravos seremos do correspondente eu que o caracteriza.

Com respeito à gnose, ao caminho secreto, ao trabalho sobre si mesmo, nossas tentações particulares estão justamente nos eus que odeiam a gnose, que odeiam o trabalho esotérico, porque eles não ignoram que sua existência em nossa psique está mortalmente ameaçada pela gnose e pelo trabalho.

Esses eus negativos e brigões apoderam-se facilmente de certas películas mentais armazenadas no centro intelectual e dão em seguida origem às correntes mentais nocivas e prejudiciais.

Se aceitarmos esses pensamentos, esses eus negativos que em dado momento estão controlando o nosso centro intelectual, seremos incapazes de nos livrarmos de seus resultados.

Jamais devemos esquecer que todo eu negativo engana e se autoengana. Em suma: mente.

Cada vez que sentimos uma súbita perda de força, quando o aspirante se desilude da gnose, do trabalho esotérico, quando perde o entusiasmo e o abandona, é óbvio que foi enganado por algum eu negativo.

O eu negativo do adultério aniquila os nobres lares e torna os filhos infelizes.

O eu negativo dos ciúmes engana os seres que se adoram e destrói a sua alegria.

O eu negativo do orgulho místico engana os devotos do caminho, e estes, sentindo-se sábios, se aborrecem com seu mestre e o atraíam.

O eu negativo apela às nossas experiências pessoais, às nossas recordações, aos nossos melhores desejos, à nossa sinceridade, etc. e, mediante rigorosa seleção de tudo isso, apresenta algo sob uma falsa luz, algo que fascina, e vem o fracasso.

No entanto, quando alguém descobre o ego em ação, quando aprendeu a viver em estado de alerta, esse tipo de engano não ocorre.

Capítulo 15 - A individualidade

Julgarmo-nos “indivíduos” certamente é uma brincadeira de mau gosto; infelizmente, essa vã ilusão existe dentro de cada um de nós.

Lamentavelmente, sempre pensamos o melhor de nós mesmos; jamais nos ocorre a ideia de não possuímos uma individualidade autêntica.

O pior de tudo é que até nos damos ao luxo de acreditar que desfrutamos de vontade própria e plena consciência.

Pobre gente! Quê néscios somos! Não há dúvida que a ignorância é a pior das desgraças.

Dentro de cada um de nós existem milhares de indivíduos diferentes, tipos diferentes, eus que brigam entre si e que lutam pela supremacia, sem qualquer ordem ou acerto entre si.

Se fôssemos conscientes, se despertássemos de tantos sonhos e fantasias, quão diferente seria nossa vida. Porém, para o cúmulo da desgraça, as emoções negativas, as autocomiserações e o amor próprio nos fascinam, nos hipnotizam, e jamais permitem que nos lembremos de nós mesmos a fim de nos vermos tal qual somos.

Acreditamos ter uma única vontade quando, na realidade, temos muitas vontades diferentes (cada eu tem a sua).

A tragicomédia de toda essa multiplicidade interior torna-se pavorosa; as diferentes vontades chocam-se entre si, vivendo em permanente conflito e atuando em diferentes direções.

Se tivéssemos verdadeira individualidade, se possuísssemos autêntica unidade em lugar de sermos uma multiplicidade, teríamos também continuidade de propósitos, consciência desperta e vontade própria, individual.

O aconselhável é mudar esse estado de coisas. No entanto, precisamos começar a ser sinceros conosco mesmos. Precisamos fazer um inventário psicológico de nós mesmos para saber o que sobra e o que falta.

É possível conquistar a individualidade. Porém, se julgarmos já possuí-la, tal possibilidade deixará de existir — pelo simples fato de que jamais lutamos para obter algo que já acreditamos ter.

É a fantasia que nos leva a crer que já somos possuidores de individualidade; até existem escolas que ensinam isso.

É urgente lutar contra a fantasia. Ela nos faz parecer como isto ou aquilo, quando, na realidade, somos miseráveis, sem-vergonha e perversos.

Pensamos que já somos homens verdadeiros quando, na realidade, não passamos de mamíferos intelectuais desprovidos de individualidade.

Os mitômanos julgam-se deuses, Mahatmas, etc.. Não suspeitam sequer que não possuem nem mente individual nem vontade consciente.

Os ególatras adoram tanto seu querido ego que jamais aceitarão a ideia da multiplicidade de eus dentro deles mesmos.

Os paranoicos, com todo o clássico orgulho que os caracteriza, sequer lerão este livro.

É indispensável travar uma luta de morte contra a fantasia a nosso respeito, se não quisermos ser vítimas de emoções artificiais e de falsas experiências, as quais, além de criar situações ridículas, detêm toda a possibilidade de desenvolvimento interior.

O animal intelectual está tão hipnotizado por sua fantasia que sonha ser um leão ou uma águia, quando, na realidade, não passa de simples verme do lodo da terra.

O mitômano jamais aceitará essas palavras porque se sente um arquí-hierofante. Digam o que disserem, jamais aceitará o fato de que suas fantasias não passam disso: puras fantasias.

A fantasia é uma força real que atua universalmente sobre a humanidade, mantendo o humanoide intelectual em estado de sonho e levando-o a crer que já é um homem de verdade, que já possui verdadeira vontade, individualidade, consciência desperta ou mente própria.

Enquanto acreditarmos que somos um, não poderemos sair de onde estamos em nós mesmos; permanecemos estancados e, por fim, degeneramos e involuímos.

Cada um de nós se encontra numa determinada etapa psicológica; só conseguiremos sair dela se descobirmos diretamente todas essas pessoas ou eus que vivem dentro de nós mesmos.

É claro que mediante a auto-observação íntima poderemos ver as “pessoas” ou eus que vivem em nossa psique, as quais precisamos eliminar para conseguir uma transformação radical.

Esta percepção, esta auto-observação, muda fundamentalmente todos os conceitos equivocados que temos sobre nós mesmos; como consequência, evidenciamos o fato concreto de ainda não possuímos verdadeira individualidade.

Enquanto não passarmos a nos auto-observar, viveremos na ilusão de que somos um e, conseqüentemente, nossa vida será um equívoco.

Não é possível nos relacionarmos corretamente com nossos semelhantes enquanto não acontecer uma mudança interior no fundo de nossa mente.

Qualquer mudança íntima exige a eliminação prévia dos nossos eus e, de forma alguma, poderíamos eliminar esses eus senão observando-os em nosso interior.

Aqueles que se sentem um, que pensam de si o melhor, aqueles que não aceitam a doutrina dos muitos eus, é claro que tampouco desejam observar os eus; logo, qualquer possibilidade de mudança neles, é impossível.

Não é possível mudarmos sem eliminarmos alguma coisa. Se aquele que se sente possuidor de individualidade aceitasse o fato de que deve eliminar de si, não teria como ignorar o que deve eliminar.

Porém, não devemos esquecer que aquele que crê ser um, autoenganado, julga que sabe o que deve eliminar. Mas, na realidade, sequer sabe que não sabe; trata-se de um ignorante ilustrado.

Precisamos nos desegoistizar para nos individualizar. Porém, para quem julga que possui individualidade, é impossível se desegoistizar.

A individualidade é cem por cento sagrada. Raros são os que a tem, embora todos pensam tê-la.

— Como poderíamos eliminar eus, se cremos que somos um eu único?

Certamente, só quem jamais se auto-observou seriamente pensa que tem um eu único.

No entanto, devemos ser bem claros neste ensinamento porque existe o perigo psicológico de se confundir a autêntica individualidade com o conceito de alguma espécie de Eu Superior ou algo parecido.

A “Sagrada Individualidade” está muito além de qualquer forma de eu. Ela é o que é, o que sempre foi e o que sempre será.

A legítima individualidade é o Ser, e a razão de ser do Ser, é o próprio Ser.

É preciso distinguir o Ser do ego. Aqueles que confundem o ego com o Ser certamente nunca se auto-observaram seriamente.

Enquanto a Essência, a Consciência seguir enfrascada dentro desse conjunto de eus que temos dentro de nós, a transformação radical não será possível.

Capítulo 16 - O livro da vida

Uma pessoa é o que é a sua vida. Isso que continua além da morte é a vida. É esse o significado do “livro da vida” que se abre com a morte.

Olhada a questão deste ponto de vista, estritamente psicológico, se tomarmos um dia qualquer da nossa vida, veremos que ele é, de fato, uma pequena réplica da totalidade da nossa vida.

De tudo isso podemos inferir o seguinte: “Se um homem não trabalhar hoje sobre si mesmo, não irá mudar nunca”.

Quando alguém diz que quer trabalhar sobre si e não inicia esse trabalho hoje mesmo, adiando-o para amanhã, sua decisão não passa de simples projeto. Nada mais que isso, porque no hoje está a réplica de toda a nossa vida.

Existe por aí um ditado popular que diz: “Não deixe para amanhã o que pode fazer hoje!”

Se um homem diz: “Trabalharei sobre mim amanhã, nunca trabalhará sobre si mesmo porque sempre haverá um amanhã”.

Isso é muito parecido com aqueles avisos que certos comerciantes colocam perto do balcão de seus negócios: Fiado só amanhã!

Quando algum necessitado chega para comprar fiado se depara com o infeliz letreiro. Se voltar no dia seguinte, de novo encontrará a terrível frase.

Isso é o que, em psicologia, é conhecido como a “enfermidade do amanhã”. Enquanto dissermos amanhã, nunca mudaremos.

Necessitamos, com a máxima urgência, começar a trabalhar sobre nós mesmos ainda “hoje” — e não ficar sonhando, preguiçosamente, com um futuro próximo ou com uma oportunidade extraordinária.

Esses que dizem “primeiro vou fazer isto e aquilo e depois trabalharei sobre mim mesmo”, jamais trabalharão sobre si mesmos. Esses são os “moradores da terra”, mencionados nas sagradas escrituras.

Conheci um grande fazendeiro que sempre dizia: Primeiro preciso “me arrodar” [comprar as terras dos vizinhos] para depois começar a trabalhar sobre mim mesmo.

Quando adoeceu mortalmente, fui visitá-lo, fazendo-lhe a seguinte pergunta: Ainda queres “te arrodar”?

“Na verdade, lamento ter perdido o tempo”, me respondeu. Dias depois morreu, após haver reconhecido seu erro.

Aquele homem tinha muitas terras, porém, ainda queria adonar-se das propriedades vizinhas; queria “arrodar-se”, a fim de limitar sua fazenda exatamente por quatro caminhos.

“Para cada dia basta seus próprios afazeres”, dizia Jesus. Devemos nos auto-observar hoje mesmo, no que diz respeito ao mesmo dia, que é uma perfeita réplica de toda nossa vida.

Quando um homem começa a trabalhar sobre si hoje mesmo, quando observa seus desgostos e penas, segue pelo caminho do êxito.

Não é possível eliminar o que não conhecemos. Antes, devemos observar os nossos próprios erros.

Necessitamos não só conhecer o nosso dia, como também a nossa relação com ele. Há certo dia ordinário que cada pessoa experimenta diretamente, exceto os acontecimentos insólitos e inusitados.

Torna-se interessante observar a recorrência diária, a repetição de palavras e acontecimentos, nossa relação com as mesmas pessoas, etc.

Essa repetição ou recorrência de eventos merece ser estudada; ela nos conduz ao autoconhecimento.

Capítulo 17 - Criaturas mecânicas

De forma alguma poderíamos negar a lei da recorrência processando-se a cada momento em nossa vida.

Certamente, em cada dia de nossa existência, existe repetição de eventos, estados de consciência, palavras, desejos, pensamentos, volições, etc.

É óbvio que quando alguém não se auto-observa, não pode se dar conta desta incessante repetição diária.

Torna-se evidente que quem não sente interesse algum em observar a si mesmo, tampouco deseja trabalhar para conseguir uma verdadeira transformação radical.

Para o cúmulo da desgraça, há gente que quer se transformar sem trabalhar sobre si mesma.

Não negamos o fato de que cada um tem direito à real felicidade do espírito, mas também é certo que tal felicidade é impossível se não trabalharmos sobre nós mesmos.

Alguém pode mudar intimamente, quando, na realidade, consegue modificar suas reações diante dos diversos fatos que lhe sobrevêm diariamente.

Porém, não poderíamos modificar nossa forma de reagir diante dos fatos da vida prática, se não trabalhássemos seriamente sobre nós mesmos.

Necessitamos mudar nossa maneira de pensar, sermos menos negligentes, tornarmo-nos mais sérios e tomarmos a vida de forma diferente, em seu sentido real e prático.

Porém, se continuarmos assim como estamos, comportando-nos da mesma forma todos os dias, repetindo os mesmos erros, com a mesma negligência de sempre, qualquer possibilidade de mudança será, de fato, eliminada.

Se alguém quiser, de verdade, chegar a conhecer a si mesmo, terá que começar a observar a sua própria conduta diante das ocorrências de cada um dos dias de sua vida.

Queremos dizer com isto que cada um deve observar a si mesmo, diariamente; queremos afirmar que deve haver um primeiro dia em que começa a se observar.

Em tudo deve haver um começo. Começar por observar a nossa conduta em qualquer dia de nossa vida é um bom começo.

Observar nossas reações mecânicas diante de todos esses pequenos detalhes do quarto, do lar, locais de comer, casa, rua, trabalho, etc., o que alguém diz, sente e pensa, é certamente o mais indicado.

O importante é ver logo como ou de que maneira pode alguém mudar essas reações. Porém, se acharmos que somos boas pessoas, que nunca nos comportamos de forma inconsciente e equivocada, jamais mudaremos.

Antes de tudo, precisamos compreender que somos pessoas-máquinas, simples marionetes, controladas por agentes secretos, por eus ocultos.

Dentro de nossa pessoa vivem muitas pessoas. Nunca somos os mesmos. Às vezes, manifesta-se em nós uma pessoa mesquinha; outras vezes, uma pessoa irritável; em qualquer outro instante, uma pessoa esplêndida, benevolente; mais tarde, uma pessoa escandalosa ou caluniadora; depois, um santo; em seguida, um embusteiro, e assim por diante.

Temos gente de todo tipo dentro de nós; eus de toda espécie. Nossa personalidade não é mais do que uma marionete, um boneco falante, algo mecânico.

Começemos por comportarmo-nos de forma consciente durante uma pequena parte do dia. Necessitamos deixar de ser simples máquinas, ainda que seja durante uns breves minutos diários; isso influirá decisivamente sobre nossa existência.

Quando nos auto-observamos e não fazemos o que tal ou qual eu quer, é claro que começamos a deixar de ser máquinas.

Um só momento em que se está bastante consciente com o propósito de se deixar de ser máquina, se o faz voluntariamente, isso costuma modificar radicalmente muitas circunstâncias desagradáveis.

Infelizmente, vivemos diariamente uma vida mecanizada, rotineira, absurda. Repetimos eventos; nossos hábitos são sempre os mesmos; não queremos nunca modificá-los; são os trilhos por onde corre o trem de nossa miserável existência. No entanto, pensamos o melhor de nós mesmos.

Por todas as partes proliferam os mitômanos, os que se julgam deuses. São criaturas mecânicas, repetitivas, personagens do lodo da terra, míseros bonecos movidos por diversos eus ... Gente assim nunca trabalhará sobre si mesma.

Capítulo 18 - O pão supersubstancial

Se observarmos cuidadosamente qualquer dia de nossa vida, veremos que certamente não sabemos viver conscientemente.

Nossa vida parece um trem em marcha, correndo pelos trilhos fixos dos hábitos mecânicos e rígidos de uma existência inútil e superficial.

O curioso do caso é que jamais nos ocorre modificar os hábitos; parece que não nos cansamos de estar repetindo sempre a mesma coisa.

Os hábitos nos mantêm petrificados, porém pensamos que somos livres; somos espantosamente feios e nos cremos uns Apolos.

Somos gente mecânica, motivo mais que suficiente para se carecer de todo verdadeiro sentimento do que se está fazendo na vida.

Movemo-nos diariamente dentro dos velhos trilhos de nossos hábitos antiquados e absurdos. Assim, é claro, não temos uma verdadeira vida. Em vez de viver, vegetamos miseravelmente e não recebemos novas impressões.

Se uma pessoa iniciasse seu dia conscientemente, é evidente que tal dia seria bem diferente dos outros dias.

Quando alguém toma a totalidade de sua vida como aquele dia que está vivendo, quando não deixa para amanhã o que pode fazer hoje mesmo, chega realmente a saber o que significa trabalhar sobre si mesmo.

Todos os dias são importantes. Se, de verdade, queremos nos transformar radicalmente, devemos nos ver, nos observar e nos compreender todos os dias.

No entanto, as pessoas não querem se ver. Algumas, que até gostariam de trabalhar sobre si mesmas, justificam sua negligência com frases como esta: “O trabalho no escritório não permite que eu trabalhe sobre mim mesmo”.

Isso não faz o menor sentido. São palavras que servem apenas para justificar sua própria indolência, preguiça e sua falta de amor pela Grande Causa.

Gente assim, ainda que tenha muitas inquietudes espirituais, é óbvio que jamais mudará.

Observarmo-nos é de uma urgência improrrogável. A auto-observação íntima é fundamental para a verdadeira mudança.

— Qual é o seu estado psicológico quando você se levanta? Qual é o seu estado de ânimo durante o café da manhã? Sentiu impaciência com a empregada? Ou com a esposa? Por que se sentiu impaciente? O que é que sempre o transtorna?

Parar de fumar ou passar a comer menos não significa grandes mudanças, mas, já é um bom começo. Sabemos muito bem que os vícios e a gula são detestáveis.

Não é de bom tom que alguém que se dedica ao caminho secreto tenha um corpo físico excessivamente gordo, seja barrigudo ou fuja totalmente dos padrões estéticos. Isso indica gula, comilanças e até preguiça.

A vida quotidiana, a profissão, o emprego, ainda que vitais para a existência, constituem o sonho da consciência.

Saber que a vida é sonho não significa ter compreendido. A compreensão vem com a auto-observação e o trabalho intenso sobre a gente mesmo.

Para trabalharmos sobre nós mesmos é indispensável trabalhar sobre a vida diária, a partir de agora mesmo.

Só assim será possível se compreender o significado daquela frase do Pai Nosso: “O pão nosso de cada dia dai-nos hoje”.

Essa frase “o pão nosso de cada dia” significa “o pão supersubstancial” em grego ou o “pão do alto”.

A gnose dá a esse pão da vida o duplo sentido de ideias e forças que permitem a desintegração dos erros psicológicos.

Cada vez que reduzimos à poeira cósmica tal ou qual eu, ganhamos experiência psicológica, comemos o “pão da sabedoria”, recebemos um novo conhecimento.

A gnose oferece o pão supersubstancial, o pão da sabedoria e assinala com precisão a nova vida que começa em nós, dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Agora, ninguém pode alterar sua vida ou mudar coisa alguma relacionada com as reações mecânicas da existência a menos que conte com a ajuda de novas ideias e receba auxílio divino.

A gnose dá essas novas ideias e ensina o modus operandi mediante o qual alguém pode ser assistido por forças superiores à mente.

Precisamos preparar os centros inferiores do nosso organismo para receber as ideias e a força que vêm dos centros superiores.

No trabalho sobre nós mesmos devemos considerar tudo. Qualquer pensamento, por insignificante que pareça, merece ser observado. Qualquer emoção negativa, reação, etc., deve ser observada.

Capítulo 19 - O bom chefe de família

Afastarmo-nos dos efeitos desastrosos da vida destes tempos tenebrosos certamente é muito difícil, porém, indispensável. Sem isso, seremos devorados pela vida.

Qualquer trabalho que alguém faz sobre si mesmo, com o propósito de conseguir um desenvolvimento anímico-espiritual, passa sempre pelo isolamento — muito bem entendido — pois, sob a influência da vida, tal qual a vivemos, só é possível o desenvolvimento da personalidade.

De modo algum nos opomos ao desenvolvimento da personalidade. Obviamente, ela é necessária à existência, mas, certamente, é algo artificial; não é o verdadeiro ou o real de cada um.

Se o pobre mamífero intelectual, equivocadamente chamado homem, não se isolar, identificando-se com todas as ocorrências da vida prática, gastando suas energias em emoções negativas, em autoconsiderações pessoais e em conversas vazias e sem sentido, nenhum elemento real poderá se desenvolver nele, apenas o que pertence ao mundo da mecanicidade.

Certamente, quem quiser desenvolver verdadeiramente sua Essência, deve se “fechar hermeticamente” para as coisas do mundo. Isso é algo íntimo, estritamente relacionado ao silêncio interior.

A frase vem dos tempos antigos, quando se ensinava secretamente uma doutrina sobre o desabrochar interior do homem, vinculada ao nome de Hermes.

Para que algo real possa crescer dentro de nós necessitamos evitar a perda das nossas energias psíquicas.

Enquanto tivermos perdas energéticas não estaremos isolados em nossa intimidade; conseqüentemente, nada real poderá desabrochar em nosso psiquismo.

A vida ordinária, comum e corrente, quer nos devorar implacavelmente. Precisamos lutar contra a vida todos os dias; precisamos aprender a nadar contra a correnteza.

O trabalho sobre si vai contra a vida; trata-se de algo bem diferente do trabalho comum de todos os dias. No entanto, esse trabalho psicológico da revolução da consciência, deve ser praticado de instante a instante.

É evidente que se a nossa atitude para com a vida diária é fundamentalmente equivocada, se cremos que tudo vai sair bem, assim sem mais nem menos, virão os desenganos.

As pessoas querem que as coisas corram bem, simplesmente porque acham que tudo deve acontecer de acordo com seus planos. Mas, a dura realidade dos fatos é bem diferente. Enquanto não mudarmos interiormente, quer gostemos disso ou não, sempre seremos vítimas das circunstâncias.

Já se disse e se escreveu inúmeras idiotices sentimentais acerca da vida. Este tratado de psicologia gnóstica é diferente. Esta doutrina vai fundo, vai aos fatos concretos e definitivos. Ela afirma enfaticamente que o animal intelectual, equivocadamente chamado homem, é um bípede mecânico, adormecido e inconsciente.

É muito difícil, para o bom chefe de família, aceitar a psicologia revolucionária gnóstica. Ele cumpre com todos seus deveres de pai, esposo, trabalhador, etc. Por isso, pensa de si o melhor. Mas, isso não basta. Isso só interessa aos desígnios da natureza — e nada mais.

Em contrapartida, afirmamos também que existe o bom chefe de família que nada contra a correnteza, que não aceita ser devorado pela vida. Porém, esse tipo de pessoa é muito difícil de ser encontrado neste mundo.

Quando alguém começa a pensar de acordo com as ideias apresentadas neste livro de psicologia, passa a ter uma correta visão da vida.

Capítulo 20 - Os dois mundos

Observar e observar a si mesmo são duas coisas completamente diferentes. No entanto, ambas exigem atenção.

Na “observação”, a atenção é orientada para fora, para o mundo exterior, através das janelas dos sentidos.

Na “auto-observação”, a atenção é orientada para dentro. Para tanto, os sentidos de percepção externa não servem, motivo esse mais do que suficiente para que seja difícil, para o neófito, a observação de seus processos psicológicos íntimos.

O ponto de partida da ciência oficial, em seu lado prático, é o observável. O ponto de partida do trabalho sobre si mesmo, é a auto-observação, o auto-observável.

Inquestionavelmente, esses dois pontos de partida, acima citados, levam-nos às direções completamente diferentes.

Poderia alguém envelhecer, preso aos dogmas intransigentes da ciência oficial, estudando fenômenos externos, observando células, moléculas, átomos, sóis, estrelas, cometas, etc., sem experimentar dentro de si mesmo qualquer mudança radical.

O tipo de conhecimento que transforma alguém internamente jamais poderá ser obtido mediante a observação externa.

O verdadeiro conhecimento que realmente pode provocar em nós uma mudança interior profunda tem por base a auto-observação direta de nós mesmos.

É urgente dizer ao estudante gnóstico que observe a si mesmo, observe o sentido em que deve se auto-observar e observe as razões para agir dessa forma.

A observação é um meio para modificar as condições mecânicas do mundo. A auto-observação interior é um meio para mudar intimamente.

Como sequência ou corolário de tudo isso, podemos e devemos afirmar, de forma enfática, que há dois tipos de conhecimento: o externo e o interno.

A menos que tenhamos em nós mesmos o centro magnético capaz de diferenciar as qualidades do conhecimento, esta mistura dos dois planos ou ordens de ideias pode nos levar à confusão.

Sublimes doutrinas pseudoesotéricas, com marcado cientificismo de fundo, pertencem ao terreno do observável. No entanto, são aceitas por muitos aspirantes como conhecimento interno.

Encontramo-nos, pois, diante de dois mundos: o exterior e o interior. O primeiro deles é percebido pelos sentidos de percepção externa; o segundo, só pode ser percebido através do sentido da auto-observação interna.

Pensamentos, ideias, emoções, aspirações, esperanças, desenganos, etc., são coisas interiores, invisíveis para os sentidos ordinários, comuns e normais. No entanto, são para nós mais reais que a mesa da cozinha ou as cadeiras da sala.

É verdade que vivemos mais em nosso mundo interior que no exterior; isso é algo irrefutável, sem contra-argumentos.

Em nossos mundos internos, em nosso mundo secreto, amamos, desejamos, suspeitamos, abençoamos, maldizemos, aspiramos, sofremos, gozamos, somos enganados, recompensados, etc.

Sem dúvida, os dois mundos, interno e externo, são verificáveis experimentalmente. O mundo exterior é observável. O mundo interior é auto-observável em nós mesmos e dentro de nós mesmos, aqui e agora.

Quem, verdadeiramente, quiser conhecer os mundos internos do planeta Terra, do sistema solar ou da galáxia, precisa conhecer, previamente, o seu mundo íntimo, a sua vida interior e particular, os seus próprios mundos internos. “Homem, conhece a ti mesmo e conhecerás o universo e os deuses”.

Quanto mais explorarmos esse mundo interior chamado “nós mesmos”, tanto mais compreenderemos que vivemos simultaneamente em dois mundos, em duas realidades, em dois âmbitos: o exterior e o interior.

Do mesmo modo que é indispensável aprendermos a caminhar no mundo exterior para não cairmos em algum precipício, para não nos perdermos nas ruas de uma cidade, para selecionarmos nossas amizades, para não nos associarmos com pessoas erradas, para não ingerirmos veneno, etc., assim também, mediante o trabalho psicológico sobre nós mesmos, precisamos aprender a caminhar no mundo interior, o qual é explorável pela auto-observação.

Realmente, o sentido da auto-observação está atrofiado na raça humana decadente desta época tenebrosa que vivemos. Mas, à medida que perseveramos na auto-observação, o sentido da auto-observação íntima irá se desenvolvendo gradativamente.

Capítulo 21 - A observação de si mesmo

A auto-observação íntima de nós mesmos é o meio prático para conseguirmos uma transformação radical.

“Conhecer” e “observar” são ações diferentes. Muitos confundem “observar a si” com “conhecer a si”. Podemos saber que estamos sentados numa cadeira em uma sala, mas, isso não significa que estamos observando a cadeira.

Sabemos que, num dado momento, nos encontramos em um estado negativo, talvez com algum problema, preocupados com este ou aquele assunto ou em estado de inquietude ou incerteza, etc.. Mas, isso não significa que estejamos observando esse estado.

— Sentes antipatia por alguém? Não vai com a cara de alguma pessoa? Por que?

Você até pode dizer que é porque conhece tal pessoa. Mas, observe-a. Conhecer nunca é observar; não confunda conhecer com observar.

A observação de si é cem por cento ativa; é um meio de mudar a si mesmo. Já conhecer ou saber é passivo; portanto, não é um agente de transformação ou de mudança.

Certamente, conhecer não é um ato de atenção. A atenção, dirigida para dentro de nós mesmos, para o que está ocorrendo em nosso interior, sim, é algo positivo, ativo.

Se ficarmos alertas no caso de uma pessoa por quem temos antipatia gratuita, sem motivo algum, iremos perceber a multidão de pensamentos que se acumula na mente; vamos perceber o grupo de vozes que fala e grita desordenadamente dentro de nós; iremos ver o que estão dizendo as emoções negativas que surgem em nosso interior; vamos perceber o sabor desagradável que tudo isso deixa em nossa mente, etc..

Obviamente, em tal estado, também vamos nos dar conta que, internamente, estamos maltratando a pessoa que nos causou antipatia.

Mas, para que possamos ver tudo isso, necessitamos, sem dúvida alguma, de uma atenção dirigida intencionalmente para dentro de nós mesmos — e não de uma atenção passiva.

A atenção dinâmica provém realmente do lado observante enquanto que os pensamentos e as emoções pertencem ao lado observado.

Tudo isto nos leva à compreensão que o conhecer é algo completamente passivo e mecânico em evidente contraste com a observação de si, que é um ato consciente.

Não queremos, com isso, dizer que não existe a observação mecânica de si. Mas, esse tipo de observação nada tem a ver com a auto-observação psicológica de si, a qual estamos nos referindo aqui.

Pensar e observar também são ações diferentes. Qualquer um pode se dar ao luxo de pensar de si mesmo tudo o que quiser, porém isso não quer dizer que, de fato, esteja se observando.

Precisamos ver os distintos egos em ação; precisamos descobri-los em nossa mente e compreender que dentro de cada um deles existe uma porcentagem de nossa própria Consciência; temos que nos arrepender de um dia tê-los criado, etc.. Então poderemos exclamar: Mas, o que está fazendo este eu? Que está dizendo? O que é que ele quer? Por que me atormenta com sua luxúria, com sua ira?, etc.

Então, veremos, dentro de nós mesmos, todo esse conjunto de pensamentos, emoções, desejos, paixões, comédias particulares, dramas pessoais, elaboradas mentiras, discursos, desculpas, morbosidades, leitos de prazer, quadros de lascívia, etc..

Muitas vezes, antes de dormir, no preciso instante da transição da vigília com o sono, sentimos, dentro de nossa própria mente, distintas vozes falando entre si.

São os diferentes eus que estão para romper, nesse momento, as ligações com os diferentes centros da máquina orgânica a fim de submergirem no mundo molecular, no mundo da quinta dimensão.

Capítulo 22 – A Conversa

É urgente, importante e inadiável observar o “diálogo interior” e o lugar preciso onde ele acontece.

Inquestionavelmente, o diálogo interior equivocado é a causa causorum de muitos estados psicológicos desarmônicos e desagradáveis, do presente e do futuro.

Naturalmente, todo esse falatório inútil e vazio, bem como todas as palavras negativas, absurdas e prejudiciais que expressamos no mundo externo, é originada desse diálogo interior.

Na gnose existe a prática esotérica do “silêncio interior” [mente vazia]; disso sabem todos os nossos discípulos de terceira câmara.

Não é demais dizer, com toda clareza, que o silêncio interior deve se referir especificamente a algo muito preciso e definido.

Quando o processo de pensar é esgotado intencionalmente, durante a meditação interior profunda, consegue-se o silêncio interno. Porém, não é isso o que queremos explicar no presente capítulo.

Esvaziar a mente ou pô-la em branco para conseguir o silêncio interior tampouco é o que tentaremos explicar agora, nestes parágrafos.

A prática do silêncio interior, a que nos referimos aqui, tampouco significa impedir que algo entre na mente.

Realmente, estamos falando agora de um tipo de silêncio interior bem diferente. Não se trata de algo vago e generalizado. Trata-se de praticar o silêncio interior em relação a algo que já está na mente: pessoas, ocorrências, assuntos próprios ou alheios, o que nos contaram, o que fulano fez, etc.

Aprender a travar não só a língua externa, mas, também, principalmente, a língua interna, é algo extraordinário e maravilhoso.

Muitos se calam externamente, mas, com a sua língua interna esfolam vivo o semelhante. A tagarelice interna venenosa e malévola gera confusão.

Quando observamos a tagarelice interna equivocada, notamos que ela é elaborada de meias verdades ou de verdades que se relacionam entre si de um modo mais ou menos incorreto, sempre havendo algo que se agregou ou se omitiu.

Infelizmente, nossa vida emocional se fundamenta exclusivamente na autossimpatia.

Para o cúmulo da desgraça, só simpatizamos conosco mesmos, com nosso tão querido ego, sentindo antipatia e até ódio daqueles que achamos antipáticos.

Nós queremos muito a nós mesmos. Somos cem por cento narcisistas. Isso é algo inquestionável.

Enquanto continuarmos engarrafados na autossimpatia, qualquer desabrochar do Ser será impossível.

Necessitamos aprender a ver do ponto de vista alheio. É urgente saber se pôr no lugar dos outros.

“Assim que todas as coisas que quiserdes que os homens vos façam, assim também fazei vós com eles” (Mateus: VII - 12).

Neste tipo de estudos a única coisa importante é a maneira como os homens se comportam interna e invisivelmente uns com os outros.

Infelizmente, ainda que sejamos muito corteses, e até sinceros, às vezes, não há dúvida de que invisível e internamente nos tratamos muito mal uns aos outros.

Gente aparentemente muito bondosa arrasta diariamente seus semelhantes até a caverna secreta da sua mente para fazer de tudo com eles: vexames, zombarias, escárnios, etc..

Capítulo 23 - O mundo das relações

O mundo das relações tem três aspectos bem diferentes que, de forma precisa, necessitamos esclarecer:

1. Estamos relacionados com o corpo planetário, isto é, com o corpo físico.
2. Vivemos no planeta Terra e, por consequência, estamos relacionados com o mundo exterior e com as questões que nos dizem respeito: família, negócios, dinheiro, questão de trabalho, profissão, política, etc.
3. A relação do homem para consigo mesmo.

Para maioria das pessoas, esse tipo de relação não tem a menor importância. Infelizmente, as pessoas só se interessam pelos dois primeiros tipos de relação, olhando com a mais absoluta indiferença para o terceiro.

Comida, saúde, dinheiro e negócios realmente constituem as principais preocupações do animal intelectual equivocadamente chamado homem.

É evidente que tanto o corpo físico quanto os assuntos do mundo são exteriores a nós mesmos.

O corpo planetário (corpo físico) às vezes encontra-se enfermo, às vezes são e, assim, sucessivamente.

Cremos sempre ter algum conhecimento do nosso corpo físico, mas, na realidade, nem os melhores cientistas do mundo sabem muito sobre o corpo de carne e osso.

Não há dúvida de que o corpo físico, dada a sua tremenda e complicada organização, está muito além da nossa compreensão.

No que diz respeito ao segundo tipo de relações, somos sempre vítimas das circunstâncias. É lamentável que ainda não tenhamos aprendido a criar conscientemente as circunstâncias.

São muitas as pessoas incapazes de se adaptar a alguma coisa, a alguém ou a ter êxito verdadeiro na vida.

Ao pensar em si mesmo do ponto de vista do trabalho esotérico-gnóstico, torna-se urgente averiguar com qual destes três tipos de relações estamos em falta.

Pode acontecer de estarmos mal relacionados com o mundo exterior e, conseqüentemente, tenhamos conflitos, problemas econômicos, sociais, etc.

Pode ser que estejamos mal relacionados conosco mesmos e, em decorrência, venhamos a sofrer muito por falta de iluminação interior.

Obviamente, se a lâmpada do nosso quarto não está ligada à instalação elétrica da casa, nosso aposento fica às escuras.

Aqueles que sofrem por falta de iluminação interior devem ligar sua mente aos centros superiores de seu Ser.

Inquestionavelmente, precisamos estabelecer corretas relações não só com nosso corpo planetário (corpo físico) e com o mundo exterior, mas, também, com cada uma das partes de nosso próprio Ser.

Os enfermos pessimistas, cansados de tantos médicos e medicamentos, já não desejam mais a cura. Os pacientes otimistas lutam para viver.

No cassino de Montecarlo, muitos milionários, que perderam sua fortuna no jogo, se suicidaram. Enquanto isso, milhões de mães pobres trabalham para sustentar seus filhos.

São incontáveis os aspirantes deprimidos que, por falta de poderes psíquicos e de iluminação íntima, renunciaram ao trabalho esotérico sobre si mesmos. Poucos são os que sabem aproveitar as adversidades.

Em tempos de rigorosa tentação, abatimento e desolação, devemos apelar à íntima recordação de nós mesmos.

No fundo de cada um de nós está a Tonantzin asteca, a Stella-Maris, a Ísis egípcia, a nossa Deusa Interior aguardando-nos para curar nosso dolorido coração.

Quando alguém dá em si mesmo o choque da lembrança de si, produz realmente uma mudança milagrosa em todo o trabalho do corpo, de modo que as células passam a receber um alimento diferente.

Capítulo 24 - A canção psicológica

Chegou o momento de refletirmos seriamente sobre isso que se chama consideração interior.

Não cabe a menor dúvida sobre o aspecto negativo da autoconsideração íntima. Ela, além de hipnotizar a consciência, ainda nos faz perder muita energia.

Se as pessoas não cometessem o erro de se identificar tanto consigo mesmas, a autoconsideração interior tornar-se-ia impossível.

Quando alguém se identifica consigo mesmo, quando alguém quer muito a si próprio, passa a sentir piedade por si mesmo, a se autoconsiderar, a pensar que sempre se comportou muito bem com fulano, com sicrano, com a mulher, com os filhos, etc.; começa a pensar que ninguém o soube apreciar; julga-se um santo e que os demais não prestam.

Uma das formas mais comuns de autoconsideração íntima é a preocupação pelo que os outros possam pensar de nós: talvez supõem que não somos honrados, sinceros, verazes, valentes, etc..

O mais curioso de tudo isso é que ignoramos a enorme perda de energia que esse tipo de preocupação nos traz.

Muitas das atitudes hostis para com certas pessoas que nenhum mal nos fizeram deve-se precisamente a tais preocupações, nascidas da autoconsideração íntima.

Nessas circunstâncias, querendo-se tanto a si mesmo, autoconsiderando-se deste modo, é claro que o eu, melhor diríamos, os eus, ao invés de se extinguirem, fortificam-se espantosamente.

Identificado consigo mesmo, qualquer um sente piedade de sua situação e até começa a fazer contas.

É assim que começa a pensar que fulano, que sicrano, que o compadre, que a comadre, que o vizinho, que o patrão, que o amigo, etc., não lhe pagaram como deveriam, apesar de todas suas reconhecidas bondades. Engarrafado nisso, torna-se insuportável e passa a aborrecer todo mundo.

Com um sujeito assim praticamente não se pode falar porque qualquer diálogo com ele seguramente vai parar em seu caderninho de contas e em seus cacarejados sofrimentos.

Está escrito que, no trabalho esotérico-gnóstico, só é possível o crescimento anímico através do perdão.

Se alguém vive, de instante a instante, de momento a momento, sofrendo pelo que lhe devem, pelo que lhe fizeram, pelas amarguras que lhe causaram, seguindo sempre com a mesma canção, nada poderá crescer em seu interior.

A oração do Pai Nosso diz: Perdoa as nossas dívidas assim como perdoamos os nossos devedores.

O sentimento de que nos devem, a dor dos males que outros nos causaram, etc., detém todo o progresso interior da alma.

Jesus, o grande Kabir, disse: “Põe-te de acordo com teu adversário logo, enquanto estás com ele no caminho. Que não aconteça que o adversário te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça e assim sejas jogado na cadeia. De certo vos digo que não sairás dali até que pagues o último centavo”. (Mateus — Capítulo 5 versículos 25 e 26).

Sim, nos devem e devemos. Se exigirmos que nos paguem até o último dinheiro devemos pagar antes até o último centavo.

Esta é a Lei de Talião: olho por olho, dente por dente. Um círculo vicioso absurdo!

As desculpas, o pagamento completo e as humilhações que exigimos dos outros pelos males que nos causaram, também de nós será exigido, ainda que nos consideremos mansas ovelhas.

Colocar alguém sob leis desnecessárias é um absurdo. O melhor é nos colocarmos sob novas influências.

É urgente, indispensável e inadiável, colocarmo-nos inteligentemente sob as maravilhosas influências do trabalho esotérico-gnóstico; esquecer que nos devem e eliminar de nossa psique qualquer forma de autoconsideração.

Jamais devemos admitir, dentro de nós, sentimentos de vingança, ressentimentos, emoções negativas, ansiedades pelos males que nos causaram, violência, inveja, incessante recordação de dívidas, etc., etc., etc.

A gnose está destinada àqueles aspirantes sinceros que, verdadeiramente, querem trabalhar e mudar.

Se observarmos as pessoas, poderemos evidenciar, de forma direta, que cada uma tem sua própria canção, cada uma canta sua própria canção psicológica.

Refiro-me, enfaticamente, a essa questão das contas psicológicas: sentir que lhe devem, queixar-se, autoconsiderar-se, etc..

Às vezes, a gente canta a canção psicológica sem mais nem menos, sem que tenha sido dado corda; outras vezes, cantamos nossa canção psicológica depois de alguns copos de cerveja.

Declaramos que nossa aborrecedora canção psicológica deve ser eliminada. Ela nos incapacita interiormente; rouba-nos muita energia.

Em questões de psicologia revolucionária, aqueles que cantam muito bem — não estamos nos referindo a uma bela voz nem ao canto em si mesmo — certamente não poderão ir além de si mesmos, ficando estacionados no passado.

Uma pessoa impelida por tristes canções não pode mudar seu nível de Ser, não pode ir além do que é.

Para passar a um nível de Ser superior, é preciso deixar de ser o que se é; necessitamos não ser o que somos. Se continuarmos sendo o que somos nunca poderemos passar para um nível de Ser superior.

No terreno da vida prática acontecem coisas insólitas. Frequentemente, uma pessoa qualquer trava amizade com outra só porque foi fácil cantar a ela a sua canção.

Infelizmente, esse tipo de relacionamento termina quando se pede ao cantor que se cale, que troque o disco, que fale de outra coisa, etc. Então, o cantor ressentido vai a busca de um novo amigo, de alguém que esteja disposto a escutá-lo por tempo indefinido.

O cantor exige compreensão, alguém que o compreenda, como se fosse assim tão fácil compreender outra pessoa.

Para se compreender outra pessoa é preciso compreender a si mesmo. Infelizmente, o bom cantor acredita que compreende a si mesmo.

São muitos os cantores decepcionados que cantam a canção de não serem compreendidos, que sonham com um mundo maravilhoso, onde eles são as figuras centrais.

No entanto, nem todos os cantores são notórios; também existem os discretos. Não cantam sua canção diretamente, porém o fazem secretamente.

São pessoas que trabalharam muito, que sofreram demasiado na vida, que se sentem enganadas, que pensam que a vida lhes deve tudo o que nunca foram capazes de conseguir por si mesmas.

Comumente, sentem uma tristeza interior, uma sensação de monotonia e de espantoso aborrecimento, cansaço íntimo e frustração, ao redor do que se amontoam seus pensamentos.

Indubitavelmente, as canções secretas nos fecham a passagem no caminho da autorrealização íntima do Ser.

Infelizmente, tais canções interiores secretas passam despercebidas a nós mesmos — a não ser que intencionalmente as observemos.

Obviamente, toda a observação intencional de nós mesmos deixa entrar a luz em nosso interior, até as mais íntimas profundezas.

Não pode haver nenhuma mudança em nossa mente, a menos que a ela seja levada à luz da auto-observação.

É indispensável observar a si próprio, tanto quando estamos sós como quando estamos em contato com outras pessoas.

Quando alguém está só, aparecem eus bem diferentes, pensamentos distintos, emoções negativas, etc.

Nem sempre estamos bem acompanhados quando estamos só. É muito natural estarmos muito mal acompanhados em plena solidão. Os eus mais negativos e mais perigosos se apresentam justamente quando estamos sozinhos.

Se quisermos nos transformar radicalmente, precisamos sacrificar os nossos próprios sofrimentos.

Muitas vezes expressamos os nossos sofrimentos em canções articuladas ou não articuladas.

Capítulo 25 - Retorno e recorrência

O homem é o que é a sua vida. Se uma pessoa não trabalha sobre si mesma, não modifica nada dentro de si mesmo; se não transforma radicalmente sua vida, perde, estupidamente, seu tempo.

A morte é o regresso ao começo da vida com a possibilidade de repeti-la novamente. Muito se escreveu, na literatura pseudoesotérica e pseudo-ocultista, acerca das sucessivas vidas. Melhor seria que nos ocupássemos das sucessivas existências.

A vida de cada um de nós, em todos os tempos, é sempre a mesma; repetimos sempre a mesma vida, de existência em existência, ao longo de inumeráveis séculos.

Sem dúvida, continuamos na semente de nossos descendentes; isso é algo já perfeitamente demonstrado.

A vida de cada um de nós em particular é um filme vivo que, ao morrermos, levamos para a eternidade.

Cada um de nós leva seu filme e o traz de volta para projetá-lo outra vez na tela de uma nova existência.

A repetição de dramas, comédias e tragédias é um axioma da lei da recorrência.

Sempre se repetem as mesmas circunstâncias em cada nova existência. Os atores de tais cenas repetitivas são essa gente que mora em nosso interior: os eus.

Se desintegrarmos esses personagens, esses eus que dão origem às repetidas cenas de nossa vida, a continuidade dessas circunstâncias se acaba. Sem atores, não pode haver filme.

Portanto, é dessa forma que podemos nos libertar das leis do retorno e da recorrência e, assim, tornarmo-nos livres de verdade.

Obviamente, cada um dos personagens, desses eus que levamos em nosso interior, repete, de existência em existência, o mesmo papel. Se os desintegramos, se o ator morre, termina seu papel.

Refletindo seriamente sobre a lei da recorrência ou sobre a repetição das mesmas cenas em cada retorno, descobriremos, por auto-observação íntima, as molas secretas de toda essa questão.

Se na existência passada, na idade de 25 anos, tivemos uma aventura amorosa, não há dúvida que o eu desse acontecimento buscará a mulher dos seus sonhos aos 25 anos da nova existência.

Se a dama em questão na época tivesse apenas 15 anos, o eu de sua aventura buscará seu amado na nova existência justamente na mesma idade.

Portanto, é simples de compreender que os dois eus, o dele e o dela, se buscarão telepaticamente e se reencontrarão outra vez para repetir a mesma aventura amorosa da passada existência.

Dois inimigos que brigaram até a morte na passada existência irão se buscar outra vez na nova existência para repetir a mesma tragédia na respectiva idade.

Se duas pessoas tiveram uma disputa por bens imóveis na idade de 40 anos na passada existência, na nova existência, na mesma idade, buscar-se-ão telepaticamente para repetir a mesma coisa.

Sem dúvida, dentro de cada um de nós vive muita gente cheia de compromissos. O ladrão leva consigo, em seu interior, um covil de ladrões com diversos compromissos delituosos. O assassino carrega dentro de si um clube de matadores; o luxurioso, uma completa casa de encontros.

O pior de tudo isso é que o intelecto ignora a existência de todos esses eus e seus compromissos dentro de si, os quais, fatalmente, irão se cumprindo.

Todos os compromissos dos eus que moram dentro de nós acontecem debaixo da nossa razão. São fatos que ignoramos, coisas que nos acontecem, ocorrências que se processam no subconsciente e no inconsciente.

Com justa razão foi dito que tudo nos acontece, tal como chover ou trovejar.

Realmente, temos a ilusão de fazer, porém, nada fazemos; tudo nos acontece. É algo mecânico, fatal. Nossa personalidade é tão só o instrumento desses eus, mediante o qual todos esses personagens cumprem seus compromissos.

Por baixo de nossa capacidade cognitiva acontece muita coisa. Infelizmente, desconhecemos o que ocorre por baixo de nossa pobre razão.

Julgamo-nos sábios quando, na verdade, nem sabemos que não sabemos. Somos simples destroços levados pelas agitadas ondas do mar da existência.

Sair dessa desgraça, dessa inconsciência, desse tão lamentável estado em que nos encontramos, só é possível morrendo em nós mesmos.

— Como poderíamos despertar sem morrer previamente? Só com a morte vem o novo! Se a semente não apodrecer, a planta não nascerá!

Quem, verdadeiramente, desperta sua consciência adquire, por esse motivo, plena objetividade, iluminação autêntica, pura felicidade.

Capítulo 26 - Autoconsciência infantil

Muito sabiamente disseram-nos que temos 97% de subconsciência e 3% de consciência.

Falando francamente e sem rodeios podemos dizer que 97% da Essência que levamos dentro de nós está engarrafada, presa, embutida, aprisionada em cada um dos nossos eus, os quais, no conjunto, formam o mim mesmo.

Obviamente, a Essência ou a consciência aprisionada no eu processa-se em virtude de seu próprio condicionamento.

Qualquer eu desintegrado libera determinado percentual de consciência. A emancipação ou liberação da Essência ou da consciência só é possível com a desintegração de cada um dos nossos eus.

À maior quantidade de eus desintegrados, maior autoconsciência. À menor quantidade de eus desintegrados, menor percentual de consciência desperta.

O despertar da consciência só é possível mediante a dissolução do eu. Precisamos morrer em nós mesmos, aqui e agora.

É inquestionável que, enquanto a Essência ou a consciência estiver engarrafada dentro dos inúmeros eus que carregamos conosco, estará adormecida ou em estado subconsciente. É urgente transformarmos o subconsciente em consciente e isso só é possível aniquilando-se os eus, morrendo em nós mesmos.

Não é possível despertar sem haver morrido previamente em si mesmo. Aqueles que tentam primeiro despertar para depois morrer não possuem experiência real do que pretendem. Seguem resolutamente pelo caminho do erro.

As crianças recém-nascidas são maravilhosas. Gozam de plena autoconsciência. Encontram-se totalmente despertas.

Dentro do corpo da criança recém-nascida está a Essência reincorporada e isso dá à criaturinha toda a sua graça.

Não queremos dizer que 100% da Essência ou da Consciência está reincorporada no recém-nascido; apenas os 3% livres que normalmente não estão enfrascados nos eus.

No entanto, esse percentual de Essência livre, reincorporado nas crianças recém-nascidas, dá-lhes plena autoconsciência e lucidez.

Os adultos veem o recém-nascido com piedade e pensam que o pobrezinho não sabe de nada; estão profundamente equivocados.

O recém-nascido vê o adulto como ele é na realidade: inconsciente, cruel, perverso, etc..

Os eus do recém-nascido vão e vêm, dando voltas ao redor do berço. Gostariam de penetrar no novo corpo; porém, como o recém-nascido ainda não fabricou a personalidade, todas as investidas dos eus para entrar no novo corpo fracassam.

Muitas vezes os pequeninos se assustam quando veem esses fantasmas ou eus se aproximando do seu berço. Então, gritam e choram, porém, os adultos não percebem essas coisas e supõem que a criança está doente ou que têm fome ou sede. Tamanha é a inconsciência dos adultos...

À medida que a nova personalidade vai se formando, os eus provenientes de existências anteriores vão penetrando no novo corpo. Quando a totalidade dos eus já tenha se reincorporado, tornamo-nos feios e assumimos essa horrível aparência interna que nos caracteriza. Então, passamos a andar como sonâmbulos por todas as partes, sempre inconscientes, sempre maus.

Ao morrermos, três coisas vão para a sepultura:

1. O corpo físico
2. O fundo vital orgânico
3. A personalidade

O fundo vital, qual um fantasma, vai se desintegrando pouco a pouco frente à cova sepulcral à medida que o corpo físico também se desintegra.

A personalidade é subconsciente ou infraconsciente; entra e sai da sepultura sempre que quer. Alegra-se quando os parentes levam flores, continua amando seus familiares e vai se dissolvendo muito lentamente até se converter em poeira cósmica.

Isso que continua além da sepultura é o ego, o eu pluralizado, o mim mesmo, um monte de diabos, dentro dos quais está enfrascada a Essência, a consciência que, no tempo devido, volta a se reincorporar.

É lamentável que, ao forjar uma nova personalidade, a criança também acaba reincorporando seus eus.

Capítulo 27 - O publicano e o fariseu

Refletindo um pouco sobre as diversas circunstâncias da vida, vale a pena compreender seriamente as bases nas quais se apoia nossa existência.

Uma pessoa se apoia sobre sua posição, outra sobre o dinheiro, aquela outra sobre o prestígio; esta sobre seu passado, aquela sobre tal ou qual título acadêmico, etc.

O mais curioso é que todos, rico ou mendigo, necessitam de todos e vivem de todos, ainda que inflados de orgulho e vaidade.

Pensemos, por um momento, naquilo que podem nos tirar. O que seria da nossa vida em caso de guerra ou de revolução? Quê seriam das bases nas quais estamos apoiados?

Ai de nós! Cremo-nos muito fortes mas somos espantosamente débeis!

O eu que sente em si mesmo a base sobre a qual estamos apoiados deve ser dissolvido se, verdadeiramente, almejamos a autêntica bem-aventurança.

Esse eu subestima as pessoas; sente-se melhor que os outros; mais perfeito, mais rico, mais inteligente, mais esperto, etc. Torna-se oportuno citar aqui aquela parábola de Jesus a respeito dos dois homens que oravam. Essa parábola diz respeito aos que tinham a si mesmos como justos, mas que costumavam desprezar os demais.

Disse Jesus: “Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e, o outro, publicano. O fariseu pôs-se de pé e orava consigo mesmo desta maneira: Deus, te dou graças porque não sou como os demais homens: ladrões, injustos, adúlteros e nem como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de tudo que ganho. Já o publicano, mantendo-se afastado, não queria nem alçar os olhos ao céu e batia no peito dizendo: Deus, sê propício a mim pecador. Digo-vos que este voltou para a sua casa justificado antes que o outro porque quem se exalta será humilhado e quem se humilha será exaltado”. (Lucas - capítulo 18, versículos 10-14).

Começar a se dar conta da própria nulidade e miséria em que nos encontramos é absolutamente impossível enquanto existir em nós esse conceito de “mais”. Por exemplo: Eu sou mais justo que fulano; eu sou mais sábio que beltrano; mais virtuoso que sicrano; mais rico, mais esperto nas coisas da vida, mais casto, mais cumpridor dos deveres, etc..

Não será possível passarmos através do buraco da agulha enquanto formos ricos, enquanto em nós existir esse complexo do “mais”.

“É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus”.

Isso de que a minha escola é a melhor e que a do meu próximo não serve, isso de que a minha religião é a única verdadeira e que todas as demais são falsas e perversas, isso de que a mulher do fulano é uma péssima esposa e que a minha é uma santa, isso de que meu amigo Roberto é um bêbado e que eu sou um homem virtuoso e abastado, etc., é o que nos faz sentirmos “ricos” — motivo pelo qual, com relação ao trabalho esotérico, nos tornamos os camelos da parábola bíblica.

É urgente que nos auto-observemos de momento a momento com o propósito de conhecer claramente os fundamentos sobre os quais estamos apoiados.

Quando alguém descobre aquilo que mais o ofende num dado instante, aquilo que mais o incomoda em tal ou qual situação, descobre também as bases sobre as quais está apoiado psicologicamente.

Essas bases são as areias sobre as quais se edificou a casa, de acordo com os evangelhos cristãos.

É necessário anotar cuidadosamente como e quando desprezamos os outros, quando nos sentimos superiores. Eventualmente por causa de um diploma, de nossa posição social, da nossa conta bancária, do nosso carro, etc.

É grave alguém se sentir rico ou superior aos demais por um ou outro motivo. Gente assim não poderá entrar no reino dos céus.

É bom a gente descobrir quando e porque nos sentimos adulados ou quando nossa vaidade é satisfeita. Isso mostrará as bases em que estamos apoiados.

No entanto, esse tipo de percepção não deve ser meramente teórica. Devemos ser práticos e observarmo-nos cuidadosamente, de forma direta, de instante a instante.

Quando alguém começa a compreender sua própria miséria e nulidade, quando abandona todos os delírios de grandeza, quando descobre a tolice de tantos títulos, honras e vãs superioridades sobre seus semelhantes, isso mostra inequivocamente que já começou a mudar.

Ninguém poderá mudar se se aferrar a coisas como sua casa, seu dinheiro, suas propriedades, suas capacidades intelectuais, seus talentos artísticos, seus conhecimentos, seu prestígio, etc., etc., etc..

Essa questão de se aferrar ao meu ou à minha é mais do que suficiente para impedir que alguém reconheça sua própria nulidade e miséria interior.

Qualquer um se surpreende diante da tragédia de um incêndio ou de um naufrágio. As pessoas, desesperadas, agarram muitas vezes coisas que causam riso, coisas sem importância.

Pobre gente! Elas se sentem nessas coisas! Apoiam-se em bobagens! Apegam-se àquilo que não tem a menor importância!

Sentir a si mesmo por meio de coisas exteriores, apoiando-se nelas, equivale a estar em estado de absoluta inconsciência.

O sentimento da Seidade (o Real Ser) só é possível quando se dissolve todos esses eus que levamos em nosso interior. Antes, esse tipo de sentimento é impossível.

Infelizmente, os adoradores do eu não aceitam essa verdade; julgam-se deuses; pensam que já possuem esses corpos gloriosos dos quais falou Paulo de Tarso; supõem que o eu é divino, e não há jeito de tirar esse absurdo de suas cabeças.

É difícil dizer o que fazer a essas pessoas. Explicamos, mas não entendem, sempre aferrados que estão às areias sobre as quais edificaram sua casa, sempre presas aos seus dogmas, seus caprichos, suas tolices, etc.

Se essas pessoas se auto-observassem seriamente verificariam, por si mesmas, a doutrina dos muitos. Descobririam dentro delas toda a multiplicidade de personagens ou eus que vivem no seu interior.

— Como é possível existir em nós o real sentimento do nosso verdadeiro Ser se esses eus estão sentindo por nós, pensando por nós?

O pior de tudo é que pensamos que estamos pensando, que estamos sentindo, quando, na realidade é outro que, num dado momento, pensa com nosso martirizado cérebro e sente com nosso dolorido coração.

Como somos infelizes! Quantas vezes cremos estar amando quando, dentro de nós, é um outro, cheio de luxúria, que está usando nosso centro cardíaco.

Somos todos uns desventurados! Confundimos paixão animal com amor. No entanto, é outro, dentro de nós mesmos, dentro de nossa personalidade, que passa por tantas confusões.

Todos nós achamos que jamais pronunciaríamos as palavras do fariseu da parábola bíblica: “Deus, te dou graças porque não sou como os outros homens”.

No entanto, ainda que pareça incrível, é assim que procedemos diariamente.

O vendedor de carne no mercado diz: Eu não sou como os outros açougueiros que vendem carne de má qualidade e exploram o povo.

O vendedor de tecidos na loja exclama: Eu não sou como os outros comerciantes que roubam na metragem e que por isso enriqueceram.

O vendedor de leite afirma: Eu não sou como os outros vendedores de leite que adicionam água. Agrade-me ser honesto.

A dona de casa comenta com a visita: Eu não sou como fulana que anda com outros homens. Graças a Deus, eu sou uma pessoa decente e fiel ao meu marido.

Conclusão: os demais são malvados, injustos, adúlteros, ladrões e perversos, enquanto que cada um de nós é uma mansa ovelha, um santinho de pau oco, pronto para ser mantido como menino Jesus na igreja.

Como somos néscios! Amiúde pensamos que nunca cometeríamos essas tolices e perversidades que vemos nos outros. Por esse motivo, sempre chegamos à conclusão que somos magníficas pessoas. Infelizmente não vemos as besteiras e mesquinharias que fazemos.

Há raros momentos na vida em que a mente fica sem preocupações de espécie alguma e repousa. Quando a mente está quieta, quando a mente está em silêncio, advém o novo.

É nesses momentos que podemos ver as bases, os fundamentos onde nos apoiamos. Estando a mente em profundo repouso interior, poderemos verificar, por nós mesmos, a crua realidade das areias da vida sobre as quais edificamos nossa casa. (Ver Mateus, capítulo 7 - versículos 24 a 29).

Capítulo 28 - A vontade

A Grande Obra é, antes de tudo, a criação do homem por ele mesmo, à base de trabalhos conscientes e padecimentos voluntários.

A Grande Obra é a conquista interior de nós mesmos, a nossa verdadeira liberdade em Deus.

Precisamos, com a máxima urgência, desintegrar todos esses eus que vivem em nosso interior se, na realidade, quisermos a perfeita emancipação da vontade.

Nicolas Flamel, Raimundo Lullo, ambos pobres, libertaram sua vontade e realizaram inumeráveis e assombrosos prodígios psicológicos.

Agripa não alcançou mais do que a primeira parte da Grande Obra, morrendo penosamente, lutando na desintegração de seus eus com o propósito de possuir a si mesmo e fixar sua independência.

A perfeita emancipação da vontade assegura ao sábio o domínio absoluto sobre o fogo, o ar, a água e a terra.

Para muitos estudantes da psicologia contemporânea poderá parecer um absurdo o que afirmamos acima acerca do poder soberano da vontade emancipada. No entanto, a Bíblia fala-nos maravilhas sobre Moisés.

Segundo Fílon, Moisés era um Iniciado da terra dos faraós às margens do Nilo, sacerdote de Osíris, primo do faraó, educado entre as colunas de Ísis, a Mãe Divina, e de Osíris, nosso Pai que está em segredo.

Moisés, descendente do patriarca Abraão, o grande mago caldeu, bem como do mui respeitável Isaac, como todo homem que libertou o poder elétrico da vontade, possuiu o dom dos prodígios. Tudo isso sabem os Deuses e os homens — assim está escrito!

Tudo o que as sagradas escrituras dizem sobre esse líder hebreu é certamente extraordinário e grandioso. Moisés transformou seu bastão em serpente e transformou uma de suas mãos em mão de leproso, devolvendo-a, depois, à vida.

A prova da sarça ardente pôs às claras todo o seu poder. A gente compreende, se ajoelha e se prosterne.

Moisés usava uma vara mágica, emblema do poder real, do poder sacerdotal do Iniciado nos grandes mistérios da vida e da morte.

Diante do faraó, ele transforma a água do Nilo em sangue; os peixes morrem, o rio sagrado fica infectado, os egípcios não podem beber dele e os canais de irrigação do Nilo derramam sangue pelos campos.

Moisés faz mais: consegue que milhões de rãs desproporcionais, gigantescas, monstruosas, apareçam. Elas saem do rio e invadem as casas. Depois, sob seu gesto, indicador de uma vontade soberana e livre, aquelas horríveis rãs desaparecem.

Mas, como o faraó não deixa os israelitas livres, Moisés opera novos prodígios: cobre a terra de sujeira, faz surgir nuvens de moscas asquerosas e imundas, as quais, depois, se dá ao luxo de afastar.

Desencadeia uma espantosa peste e todos os rebanhos, exceto os dos judeus, morrem.

Colhendo fuligem do forno, dizem as sagradas escrituras, jogando-a no ar, a qual, caindo sobre os egípcios, causa-lhes pústulas e úlceras.

Estendendo seu famoso bastão faz chover granizo do céu que, de forma inclemente, destrói e mata. Em continuação faz estalar o raio flamígero, retumbando o trovão aterrador e chovendo espantosamente. Em seguida, com um simples gesto, devolve a calma.

No entanto, o faraó permanece inflexível. Moisés, com um tremendo golpe de sua vara mágica, faz surgir, como que por encanto, nuvens de gafanhotos. Então, vêm as trevas. Outro golpe com a vara e tudo volta à ordem original.

Bem conhecido é o final de todo esse drama bíblico do antigo testamento. Jeová intervém, fazendo morrer todos os primogênitos do Egito; ao faraó não resta mais remédio do que deixar os hebreus partirem.

Posteriormente, Moisés serve-se de sua vara mágica para separar as águas do Mar Vermelho e atravessá-lo a pé. Quando os guerreiros egípcios se precipitam por ali, perseguindo os israelitas, Moisés, com um gesto, faz com que as águas voltem ao normal, tragando os perseguidores.

Sem dúvida, muitos pseudo-ocultistas, ao lerem tudo isto, gostariam de fazer o mesmo, de ter os mesmos poderes de Moisés. No entanto, isso é impossível enquanto a vontade continuar engarrafada em todos e em cada um desses eus que carregamos nos diferentes níveis da nossa mente.

A Essência, engarrafada no mim mesmo, é o Gênio da Lâmpada de Aladim almejando a liberdade. Livre, o Gênio pode realizar prodígios.

A Essência é vontade-consciência, infelizmente, processando-se em virtude de seu próprio condicionamento.

Quando a vontade se liberta, mistura-se ou funde-se, integrando-se assim com a vontade universal, tornando-se soberana por causa disso.

A vontade individual fundida com a vontade universal pode realizar todos os prodígios de Moisés.

Existem três categorias de ações:

- Aquelas que correspondem à lei dos acidentes
- Aquelas que pertencem à Lei de Recorrência, fatos sempre repetidos a cada existência e
- Aquelas determinadas intencionalmente pela vontade-consciência.

Evidente que só aqueles que libertaram a sua vontade mediante a morte do mim mesmo poderão realizar atos novos nascidos de seu livre arbítrio.

Os atos comuns e correntes da humanidade são sempre o resultado da Lei de Recorrência ou o mero produto de acidentes mecânicos.

Quem possui autêntica vontade livre pode dar origem às novas circunstâncias. Quem tem sua vontade engarrafada no eu pluralizado é vítima das circunstâncias.

Em todas as páginas bíblicas existe um maravilhoso arrebatamento de alta magia, vidência, profecia, prodígios, transfigurações, ressurreição de mortos, seja por insuflação ou por imposição de mãos ou ainda pelo olhar fixo na raiz do nariz, etc..

A Bíblia é pródiga na massagem, no azeite sagrado, nos passes magnéticos, na aplicação de um pouco de saliva sobre a parte enferma, na leitura do pensamento alheio, nos transportes, nas aparições, nas palavras vindas do céu, etc. Estas são verdadeiras maravilhas da vontade-consciência liberada, emancipada, soberana.

Bruxos? Feiticeiros? Magos negros? — Também existem como a erva daninha, mas esses não são santos, profetas ou Adeptos da Branca Irmandade.

Ninguém poderia chegar à iluminação real nem exercer o sacerdócio absoluto da vontade-consciência se, previamente, não tivesse morrido radicalmente em si mesmo, aqui e agora.

Muita gente nos escreve, com frequência, se queixando de não possuir iluminação, pedindo poderes, exigindo chaves que os convertam em magos, etc., etc., etc.. Mas, jamais se interessam por se auto-observar, por desintegrar os agregados psíquicos, esses eus dentro dos quais se encontra enfrascada a vontade, a Essência.

Pessoas assim estão, é claro, condenadas ao fracasso. É gente que cobiça as faculdades dos santos, porém de maneira alguma estão dispostas a morrer em si mesmas.

Eliminar egos é algo mágico, maravilhoso por si mesmo, que implica em rigorosa auto-observação psicológica.

Exercer poderes é possível quando se libera radicalmente o maravilhoso poder da vontade.

Infelizmente, como as pessoas têm a vontade presa a cada eu, é óbvio que a vontade se encontra dividida em múltiplas vontades que se processam, cada uma, em função do seu próprio condicionamento.

Torna-se simples compreender que cada eu tem, por esse motivo, sua própria vontade inconsciente particular.

As inumeráveis vontades engarrafadas nos eus estão, frequentemente, chocando-se entre si; por isso, vão se tornando impotentes, miseráveis, débeis, vítimas das circunstâncias, incapazes, etc..

Capítulo 29 - A decapitação

À medida que alguém for trabalhando sobre si mesmo, vai compreendendo, cada vez mais, a necessidade de eliminar, radicalmente, de sua natureza interior, tudo isso que o faz tão abominável.

As piores circunstâncias da vida, as situações mais críticas, os acontecimentos mais difíceis sempre são os melhores para o autodescobrimento íntimo.

Os eus mais escondidos sempre aparecem nesses momentos críticos, insuspeitos, quando menos pensamos. Se estivermos alertas, os descobrimos.

As épocas mais tranquilas da vida são, precisamente, as menos favoráveis para o trabalho sobre si mesmo.

Existem momentos tão complicados na vida em que temos marcada tendência de nos identificarmos facilmente com essas ocorrências, esquecendo-nos completamente de nós mesmos.

Nesses momentos, cometemos tolices que a nada conduzem. Se estivéssemos alertas, se nesses momentos, ao invés de perder a cabeça, tivéssemos a lembrança de nós mesmos, descobriríamos, para nossa surpresa, certos eus dos quais não tínhamos a menor suspeita de existirem dentro de nós.

O sentido da auto-observação íntima está atrofiado no ser humano. Trabalhando seriamente, auto-observando-se de momento a momento, esse sentido voltará a se desenvolver de forma progressiva.

À medida que o sentido da auto-observação for se desenvolvendo, mediante seu uso contínuo, iremos nos tornando cada vez mais capazes de perceber de forma direta os eus que julgávamos não possuir.

Diante do sentido de auto-observação íntima, cada um desses eus que mora em nosso interior assume, de fato, esta ou aquela figura secreta, afinada com o defeito personificado. Sem dúvida, a imagem de cada um desses eus tem certo sabor psicológico inconfundível, mediante o qual apreendemos, capturamos, apreendemos instintivamente a sua natureza íntima e o defeito que o caracteriza.

No começo, o esoterista não sabe por onde começar o trabalho. Sente a necessidade de trabalhar sobre si mesmo, mas se acha completamente desorientado.

Aproveitando os momentos críticos, as situações mais desagradáveis, os instantes mais adversos, se estamos alertas, descobrimos os defeitos que mais se sobressaem, os eus que devemos desintegrar urgentemente.

Às vezes pode se começar pela ira ou pelo amor próprio ou ainda pelo infeliz momento de luxúria, etc.

É necessário tomar nota, sobretudo de nossos estados psicológicos diários se, verdadeiramente, queremos uma mudança definitiva.

Antes de deitarmos convém examinar os fatos ocorridos durante o dia, as situações embaraçosas, a estrondosa gargalhada de Aristófanes e o sorriso sutil de Sócrates.

Pode ser que tenhamos ferido alguém com uma gargalhada, e pode ser que tenhamos atingido alguém com um sorriso ou com um olhar ameaçador.

Recordemos que, em esoterismo puro, bom é tudo o que está em seu lugar e, mau, tudo o que está fora de lugar.

A água, em seu lugar, é boa; porém, se ela inundasse a casa, estaria deslocada, causaria danos, seria má e prejudicial.

O fogo, na cozinha, em seu lugar, além de útil, é bom; fora de seu lugar, queimando os móveis da sala, seria mau e prejudicial.

Qualquer virtude, por mais santa que seja, fora do seu lugar é má e prejudicial, enquanto que, em seu lugar, é boa. Podemos prejudicar os outros com nossas virtudes. É indispensável colocar as virtudes no seu devido lugar.

— O que diríeis de um sacerdote que predicasse a palavra do Senhor dentro de um prostíbulo? O que poderíamos dizer de um tolerante e pacífico homem que estivesse abençoando uma quadrilha de assaltantes que estivesse para violar sua mulher e filhas? Que diríeis desse tipo de tolerância levada ao excesso? Que pensaríeis da atitude caritativa de uma pessoa que, em vez de levar comida para sua casa, repartisse o dinheiro entre mendigos e viciados? Que opinaríeis de um homem prestativo que, num dado instante, desse um punhal a um assassino?

Recorda, querido leitor, que entre a cadência do verso também se esconde o delito. Há muita virtude nos malvados e muita maldade nos virtuosos. Ainda que pareça incrível, o delito também se esconde no próprio perfume da oração.

O delito também se disfarça de santo, usa as melhores virtudes, se apresenta como mártir e até oficia nos templos sagrados.

À medida que o sentido da auto-observação íntima se desenvolve em nós, mediante seu uso contínuo, poderemos ir vendo todos esses eus que servem de fundamento básico ao nosso temperamento individual, seja ele sanguíneo ou nervoso, fleumático ou bilioso.

Ainda que você não acredite, querido leitor, atrás do temperamento que possuímos, nas mais remotas profundezas de nossa psique, escondem-se as mais execráveis criaturas demoníacas.

Ver tais aberrações, observar essas monstruosidades do inferno dentro das quais se encontra nossa consciência engarrafada, torna-se possível com o desenvolvimento, sempre progressivo, do sentido da auto-observação íntima.

Enquanto um homem não tiver dissolvido essas abominações do inferno, essas aberrações de si mesmo, indubitavelmente, no mais fundo, no mais profundo continuará sendo algo que não deveria existir: uma deformidade, uma abominação.

O mais grave de tudo isso é que o abominável não se dá conta de sua própria abominação. Julga-se belo, justo, boa pessoa e até se queixa da incompreensão dos demais; lamenta a ingratidão dos seus semelhantes, diz que não o entendem, chora e afirma que lhe devem, que lhe pagaram com ingratidões, etc., etc., etc.

O sentido da auto-observação íntima permite que verifiquemos, por nós mesmos, de forma direta, o trabalho secreto, mediante o qual, em dado tempo, dissolvemos tal ou qual eu, tal ou qual defeito psicológico, possivelmente descoberto em condições difíceis e quando menos suspeitávamos.

— Já refletiste, alguma vez na tua vida sobre o que mais te agrada e o que mais te desagrade? Já analisaste as molas secretas das tuas ações? Por que queres ter uma bela casa? Por que queres ter um carro último tipo? Por que queres estar sempre na moda? Por que cobiças não ser cobiçoso? O que é que mais te ofendeu num dado momento? O que é que mais te envaideceu ontem? Por que te sentiste superior a fulano ou fulana em determinado instante? A que horas te sentiste superior a alguém? Por que te orgulhaste ao relatar teus triunfos? Não pudeste te calar quando murmuravam sobre outra pessoa conhecida? Aceitaste brindar apenas

por cortesia? Aceitaste fumar mesmo não tendo o vício só pelo conceito de educação ou de hombridade? Estás seguro de teres sido sincero naquele diálogo? E quando te justificas, quando te elogias, quando contas teus triunfos e os relata a todos repetindo o que antes já havias dito aos demais, compreendes que és vaidoso?

O sentido da auto-observação íntima, além de permitir que se veja claramente o eu que se está dissolvendo, ainda permitirá ver, também, os resultados claros e definitivos de teu trabalho interior.

No princípio, essas criações infernais, essas aberrações psíquicas que, infelizmente, te caracterizam, são mais feias e monstruosas que os animais mais horrendos que existem no fundo dos mares ou nas selvas mais distantes da terra. Mas, conforme avances em teu trabalho, poderás evidenciar, através do sentido da auto-observação interior, o fato saliente de que essas abominações vão perdendo volume, vão diminuindo de tamanho.

Torna-se interessante saber que tais bestialidades, conforme decrescem em tamanho, conforme perdem volume, reduzindo de tamanho, ganham em beleza e assumem, lentamente, uma aparência infantil. Por fim, desintegram-se, convertem-se em poeira cósmica. . . Então, a Essência, que estava enfrascada, liberta-se, emancipa-se, desperta.

Não há dúvida que a mente não pode alterar fundamentalmente nenhum defeito psicológico. É evidente que a mente pode se dar ao luxo de rotular um defeito com tal ou qual nome, de justificá-lo, de passá-lo de um nível para outro, etc., mas não poderia, por si mesmo, aniquilá-lo, desintegrá-lo.

Necessitamos urgentemente de um poder Flamejante superior à mente, de um poder que seja capaz de reduzir tal ou qual defeito psicológico à mera poeira cósmica.

Felizmente, existe dentro de nós esse poder serpentino, esse fogo maravilhoso que os velhos alquimistas medievais batizaram com o misterioso nome de Stella-Maris, a Virgem do Mar, o AZOTO da ciência de Hermes, a Tonantzin do México asteca, essa derivação do nosso próprio Ser íntimo, o Deus-Mãe em nosso interior — sempre alegorizada pela serpente sagrada dos Grandes Mistérios.

Se, depois de havermos observado e compreendido profundamente tal ou qual defeito psicológico, tal ou qual eu, suplicarmos a nossa Mãe Cósmica particular, pois cada um de nós tem a sua própria, para que desintegre, reduza à poeira cósmica este ou aquele defeito, este ou aquele eu, motivo de nosso trabalho interior, podem estar seguros de que o mesmo perderá volume e lentamente irá se pulverizando.

Tudo isso implica, naturalmente, em sucessivos trabalhos de fundo, sempre contínuos, já que nenhum eu pode ser desintegrado instantaneamente. O sentido da auto-observação íntima poderá ver o avanço progressivo do trabalho relacionado à abominação que nos interessa desintegrar.

Stella-Maris, ainda que pareça incrível, é a assinatura astral da potência sexual humana.

Obviamente, Stella-Maris tem o poder de desintegrar as aberrações que carregamos em nosso universo psicológico.

A decapitação de João Batista é algo que nos convida à reflexão. Nenhuma mudança psicológica radical seria possível se não passássemos pela decapitação.

Nosso próprio ser derivado, Stella-Maris, Tonantzin, como potência elétrica desconhecida para a humanidade inteira, que se acha latente no próprio fundo de nossa psique, ostensivamente goza do poder que lhe permite decapitar qualquer eu antes da desintegração final.

Stella-Maris é esse fogo filosófico que se encontra latente em toda a matéria orgânica e inorgânica.

Os impulsos psicológicos podem provocar a ação intensa desse fogo, tornando possível a decapitação.

Alguns eus costumam ser decapitados no começo do trabalho psicológico; outros, no meio e, os últimos, no final. Stella-Maris, como potência ígnea sexual, tem plena consciência do trabalho a realizar e realiza a decapitação no momento oportuno, no instante adequado.

Enquanto não tenhamos desintegrado todas essas abominações psicológicas, essas lascívias, essas maldições, como inveja, roubo, adultério secreto ou manifesto, ambição por dinheiro ou poderes psíquicos, etc., ainda que nos eduquemos como pessoas honradas, cumpridoras da palavra, sejamos sinceros, corteses, caridosos, lindos por dentro, etc., obviamente não seremos mais que sepulcros caiados — bonitos por fora, mas podres por dentro.

A erudição livresca, a pseudossabedoria, a informação completa sobre as sagradas escrituras, sejam elas do oriente ou do ocidente, do norte ou do sul, o pseudo-ocultismo, o pseudoesoterismo, a absoluta segurança de estar bem documentado, o sectarismo intransigente com plena convicção, etc., de nada valerá porque, na realidade, no fundo, só existe isso que ignoramos: criações do inferno, maldições, monstruosidades que se escondem atrás de um rosto bonito, atrás de uma aparência venerável, sob a santíssima roupagem de um líder sagrado, etc..

Temos que ser sinceros conosco mesmos e nos perguntar o que é que queremos. Se chegamos ao ensinamento gnóstico por mera curiosidade, se não almejamos passar pela decapitação, então estamos enganando a nós mesmos; estamos defendendo nossa podridão interior; estamos agindo hipocritamente.

Nas escolas mais veneráveis da sabedoria esotérica e do ocultismo existem muitos equivocados sinceros que verdadeiramente querem se autorrealizar, mas que não estão se dedicando à desintegração de suas abominações interiores.

São muitas as pessoas que supõem que através das boas intenções é possível chegar-se à santificação. Obviamente, enquanto não trabalharem com intensidade sobre os eus que levam em seu interior, eles seguirão existindo atrás do seu olhar bondoso e da sua boa conduta.

Chegou a hora de saber que somos todos uns malvados, disfarçados com a túnica da santidade; somos todos lobos com pele de ovelha; canibais vestidos com trajes cavalheirescos; verdugos escondidos atrás do signo da cruz, etc.

Por mais bem vestidos e elegantes que apareçamos dentro de nossos templos ou dentro de nossas escolas de luz e harmonia, por mais serenos e doces que nos vejam nossos semelhantes, por mais reverendos e humildes que pareçamos, no fundo de nossa mente continuam existindo todas as abominações do inferno e todas as monstruosidades das guerras.

Na psicologia revolucionária, torna-se necessária uma transformação radical. Esta só é possível declarando-se guerra contra nós mesmos, uma guerra de morte, impiedosa e cruel.

A verdade é que não valem nada. Somos, todos nós, a desgraça e o execrável da terra.

Felizmente, João Batista ensinou-nos o caminho secreto: morrer em nós mesmos mediante a decapitação psicológica.

Capítulo 30 - O centro de gravidade permanente

Não havendo autêntica individualidade, é impossível haver continuidade de propósitos.

Se o indivíduo psicológico não existe, se em cada um de nós vivem muitas pessoas, se não há um sujeito responsável, torna-se absurdo exigir de alguém continuidade de propósito.

Bem sabemos que, dentro de uma pessoa, vivem muitas outras pessoas. Portanto, o pleno sentido de responsabilidade não existe em nós.

O que um determinado eu afirma num dado instante não pode se revestir de nenhuma seriedade devido ao fato concreto de que qualquer outro eu pode afirmar exatamente o contrário em outro momento.

O grave de tudo isso é que muita gente crê possuir o sentido de responsabilidade moral e se autoengana pensando ser sempre a mesma pessoa.

Há pessoas que, num instante qualquer de sua existência, vêm aos estudos gnósticos, resplandecem com a força da aspiração, entusiasmam-se com o trabalho esotérico e até juram consagrar a totalidade de sua existência às questões esotéricas.

Inquestionavelmente, todos os irmãos do nosso movimento chegam até a admirar um entusiasta assim. Alguém não pode sentir menos do que grande alegria ao escutar pessoas dessa classe, tão devotas e tão definitivamente sinceras.

No entanto, o idílio não dura muito tempo. Num dia qualquer, devido a esse ou àquele motivo, justo ou injusto, simples ou complicado, dita pessoa retira-se da gnose, abandonando todo o trabalho.

Para lavar a honra ou para justificar essa sua atitude, afilia-se a qualquer outra organização mística, pensando que agora sim está melhor.

Todo esse ir e vir, todo esse incessante mudar de escolas, seitas e religiões é devido à multiplicidade de eus que lutam pelo poder em nosso interior.

Como cada eu tem seu próprio critério, sua própria mente, suas próprias ideias, é muito natural toda essa troca de pareceres, esse constante borboletear de organizações, de ideais, de seitas, etc..

Em si mesmo, uma pessoa não é mais do que uma máquina que tão pronto serve de veículo para um eu, serve para outro.

Alguns eus místicos se autoenganam, após o abandono de tal ou qual seita, e resolvem se julgarem deuses; brilham com luzes fugazes e, por fim, desaparecem.

Há pessoas que, por um momento, assumem o trabalho esotérico e, depois, no instante em que outro eu intervém, abandonam definitivamente estes estudos esotéricos e se deixam engolir pela vida.

Obviamente, se alguém não luta contra a vida, esta o devora. São raros os aspirantes que, verdadeiramente, não se deixam tragar pela vida.

Enquanto existir dentro de nós toda essa multiplicidade de eus, não pode existir um centro de gravidade permanente.

É normal que nem todos se autorrealizem intimamente. Bem sabemos que a autorrealização Íntima do Ser exige continuidade de propósitos. Mas, como é muito difícil encontrar alguém que tenha um centro de gravidade permanente, não é de se estranhar que muito poucos cheguem à autorrealização interior profunda.

O normal é alguém se entusiasmar pelo trabalho esotérico e, depois, abandoná-lo. O anormal é alguém não abandonar o trabalho e atingir a meta.

Certamente, em nome da verdade, devemos afirmar que o sol está fazendo um experimento científico bastante complicado e muito difícil.

Dentro do animal intelectual, equivocadamente chamado homem, existem germes que, se desenvolvidos de modo adequado, podem convertê-lo em homem solar.

No entanto, não é demais esclarecer que esses germes podem não desabrochar. O normal é que se degenerem e se percam.

Em todo caso, os citados germes que podem nos converter em homens solares, precisam de um ambiente adequado, já que se sabe que a semente, num meio estéril, não germina e se perde.

Para que a verdadeira semente do homem, que está depositada em nossas glândulas sexuais, possa germinar, é necessário continuidade de propósitos e um corpo físico normal.

Se os cientistas continuarem fazendo suas experiências com nossas glândulas de secreção interna, toda e qualquer possibilidade de desenvolvimento dos mencionados germes poderá se tornar impossível.

Ainda que pareça incrível, as formigas já passaram por um processo similar num passado remoto da Terra.

É assombroso a gente contemplar a perfeição de um palácio de formigas. Não há dúvida que a ordem existente em qualquer formigueiro é algo fantástico.

Aqueles Iniciados que despertaram a consciência sabem, por experiência mística direta, que as formigas foram, em tempos que os maiores historiadores do mundo nem suspeitam, uma raça humana que criou uma poderosíssima civilização socialista.

Então, os ditadores eliminaram, das famílias existentes na época, as diversas seitas religiosas e o livre arbítrio, pois isso lhes tirava o poder, e eles precisavam ser totalitários no sentido mais completo da palavra.

Nessas condições, eliminada a iniciativa individual e o direito religioso, o animal intelectual precipitou-se pelo caminho da involução e da degeneração.

A tudo que se disse antes, acrescente-se os experimentos científicos: transplantes de órgãos, de glândulas, ensaios com hormônios, etc. O resultado foi o empequenecimento gradual e a alteração morfológica daqueles organismos humanos até se converterem nas formigas que conhecemos hoje em dia.

Toda aquela civilização, todos aqueles movimentos relacionados com a ordem social estabelecida, tornaram-se mecânicos, passando de pai para filho.

Hoje a gente fica surpreso quando vê um formigueiro, porém, só podemos lamentar a falta de inteligência.

Se não trabalharmos sobre nós mesmos, involuiremos e degeneraremos de forma espantosa.

O experimento que o sol está fazendo, no laboratório da natureza, certamente, além de difícil, têm dado bem poucos resultados.

Criar homens solares só é possível quando existe verdadeira cooperação em cada um de nós.

A criação do homem solar não é possível se não estabelecermos antes um centro de gravidade permanente em nosso interior.

— Como poderíamos ter continuidade de propósito se não estabelecermos em nossa mente o centro de gravidade?

Qualquer raça criada pelo sol certamente não tem outro objetivo na natureza do que servir aos interesses dessa criação e ao próprio experimento solar.

Se o sol fracassa em seu experimento, perde todo o interesse por uma raça assim e, essa, de fato, fica condenada à destruição e à involução.

Cada uma das raças que existiram sobre a superfície da Terra serviu para o experimento solar. De cada raça, o sol conseguiu alguns triunfos, colhendo pequenos grupos de homens solares.

Quando uma raça dá seus frutos, desaparece, de forma progressiva; perece violentamente através de grandes catástrofes.

A criação de homens solares é possível se alguém luta para se tornar independente das forças lunares. Não há dúvida de que todos esses eus que levamos em nossa psique são de tipo exclusivamente lunar.

De modo algum seria possível libertarmo-nos da força lunar se não estabelecêssemos, previamente, em nós, um centro permanente de gravidade.

— Como poderíamos dissolver a totalidade do eu pluralizado se não tivéssemos continuidade de propósito? De que maneira poderíamos ter continuidade de propósito sem ter estabelecido, previamente, em nossa psique, um centro permanente de gravidade?

Como a raça atual, em vez de se tornar independente da influência lunar, perdeu todo o interesse pela inteligência solar, inquestionavelmente condenou a si mesma à involução e à degeneração.

Não é possível que o homem verdadeiro surja de uma mecânica evolutiva. Bem sabemos que a evolução e a sua irmã gêmea, a involução, são tão somente duas leis que constituem o eixo mecânico da natureza. Podemos evoluir até um certo ponto e, depois, vem o processo involutivo; a toda subida sucede uma descida e vice-versa.

Nós somos exclusivamente máquinas controladas por diferentes eus. Servimos à economia da natureza e não temos individualidade definida, como supõem, equivocadamente, muitos pseudoesoteristas e pseudo-ocultistas.

Necessitamos modificarmo-nos com a máxima urgência a fim de que os germes do homem deem seus frutos.

Só trabalhando sobre nós mesmos, com verdadeira continuidade de propósito, e no sentido completo da responsabilidade moral, é que conseguiremos nos converter em homens solares. Isso implica em consagrar a totalidade da nossa existência ao trabalho esotérico sobre nós mesmos.

Aqueles que têm esperança de chegar ao estado solar mediante a mecânica da evolução estão enganando a si mesmos e se condenando, de fato, à degeneração involutiva.

No trabalho esotérico não podemos nos dar ao luxo da versatilidade. Esses que mudam de ideia qual um cata-vento, esses que hoje trabalham sobre a sua mente e amanhã se deixam engolir pela vida, esses que buscam evasivas e justificativas para abandonar o trabalho esotérico, degenerarão e involuirão.

Alguns retardam o erro e deixam tudo para amanhã enquanto melhoram sua situação econômica hoje sem considerar que o experimento solar é algo muito diferente do seu critério pessoal e de seus próprios projetos.

Não é nada fácil converter-se em homem solar quando se carrega a lua em seu interior. O ego é lunar.

A Terra tem duas luas; a segunda delas é chamada de Lilith e se acha um pouco mais distante que a lua branca.

Os astrônomos costumam ver Lilith como uma lentilha, já que é de pequeno tamanho. Esta é a lua negra.

As forças mais sinistras do ego chegam à Terra desde Lilith e produzem resultados psicológicos infra-humanos e bestiais.

Os crimes da imprensa marrom, os mais monstruosos assassinatos da história, os delitos mais insuspeitos, etc., são devidos às ondas vibratórias de Lilith.

A dupla influência lunar, representada no ser humano pelo ego que carregamos em nosso interior, faz de nós um verdadeiro fracasso.

Se não vemos urgência em empregar a totalidade da nossa existência ao trabalho sobre nós mesmos, com o propósito de nos libertarmos da dupla força lunar, terminaremos tragados pela lua, envolvendo, degenerando cada vez mais e mais dentro de certos estados que bem poderíamos qualificar de inconscientes e infraconscientes.

O grave de tudo isso é que não possuímos verdadeira individualidade. Se tivéssemos um centro permanente de gravidade, trabalharíamos seriamente até conseguirmos o estado solar.

Há tantas desculpas nessas questões, tantas evasivas, existem tantas atrações fascinantes que, de fato, é quase impossível compreendermos a urgência do trabalho esotérico.

No entanto, a pequena margem de livre arbítrio que temos dentro de nós e o ensinamento gnóstico orientado para o trabalho prático, podem servir de base para os nossos nobres propósitos, relacionados com o experimento solar.

A mente ventoinha não entende o que aqui estamos dizendo. Lê este capítulo e, posteriormente, o esquece. Depois, leem outro livro, e outro, e, por fim, terminam se filiando a qualquer instituição que venda um passaporte para o céu, que fale de uma forma mais otimista ou que assegure comodidades no além.

Assim são as pessoas: meras marionetes, controladas por fios invisíveis; bonecos mecânicos, com ideias de cata-vento e sem continuidade de propósito.

Capítulo 31 - O trabalho esotérico-gnóstico

É urgente estudar a gnose e utilizar as ideias práticas que damos nesta obra para trabalhar seriamente sobre nós mesmos.

No entanto, não poderíamos trabalhar sobre nós mesmos com a intenção de dissolver tal ou qual ego sem tê-lo observado previamente.

A observação de si mesmo permite que um raio de luz penetre em nosso interior.

Qualquer eu expressa-se na cabeça de um modo, no coração de outro e no sexo de uma terceira forma.

Precisamos observar o eu que em um momento dado tenhamos captado. Urge vê-lo em cada um desses três centros do nosso organismo.

No relacionamento com as outras pessoas, se estamos alertas e vigilantes como a sentinela em tempo de guerra, nos autodescobrimos.

— Você se lembra da hora em que lhe feriram a vaidade? Seu orgulho? Que foi o que mais o contrariou durante o dia? Por que teve essa contrariedade? Qual foi a sua causa secreta?

Estudem isto e observem a cabeça, o coração e o sexo.

A vida prática é uma escola maravilhosa. No relacionamento com os outros podemos descobrir os eus que carregamos em nosso interior.

Qualquer contrariedade, qualquer incidente, pode nos conduzir à auto-observação íntima, ao descobrimento de um eu, seja este de amor próprio, inveja, ciúmes, ira, suspeita, calúnia, luxúria, cobiça, etc.

Precisamos conhecer a nós mesmos antes de podermos conhecer os demais. É urgente que aprendamos a ver do ponto de vista alheio.

Se nos pusermos no lugar dos demais, descobriremos que os defeitos psicológicos que imputamos aos outros temos de sobra em nosso interior.

Amar o próximo é indispensável, mas como poderíamos amar os outros sem antes ter aprendido, no trabalho esotérico, a nos colocarmos na posição das outras pessoas?

A crueldade continuará existindo sobre a superfície da Terra enquanto não aprendermos a nos colocar no lugar dos outros.

Mas, se alguém não tem a coragem de ver a si mesmo, como poderia se colocar no lugar de outros? Por que temos de ver exclusivamente o lado ruim das outras pessoas?

A antipatia mecânica para com uma pessoa que conhecemos pela primeira vez indica que não sabemos nos colocar no lugar do próximo, que não amamos o próximo e que temos a consciência demasiadamente adormecida.

— Determinada pessoa nos é muito antipática? Por que motivo? Talvez beba! Observemo-nos! Estamos seguros de nossa virtude? Estamos seguros de não carregar em nosso interior o eu da embriaguez?

Melhor seria que, ao vermos um bêbado fazendo palhaçadas, disséssemos: Este sou eu! Que palhaçadas estou fazendo!

— Você é uma mulher honesta e virtuosa e por causa disso determinada senhora lhe é muito antipática? Por que? Você está segura que em seu interior não existe o eu da luxúria? Pensa que aquela mulher, de baixo conceito por causa dos seus escândalos e lascívia, é perversa? Você tem certeza que em seu interior não existe a lascívia e a perversidade que você vê estampada nessa mulher?

Melhor seria se se auto-observasse intimamente e que em profunda meditação ocupasse o lugar dessa senhora que tanto lhe incomoda.

É urgente valorizar o trabalho esotérico-gnóstico. É indispensável compreendê-lo e apreciá-lo se é que na realidade desejamos uma mudança radical.

Faz-se indispensável saber amar nossos semelhantes, estudar a gnose e levar este ensinamento a todas as pessoas. Do contrário, cairemos em egoísmo.

Se alguém se dedica ao trabalho esotérico sobre si mesmo, mas não dá o ensinamento aos demais, seu progresso íntimo torna-se muito difícil por falta de amor ao próximo.

Quem dá, recebe, e quanto mais der, mais receberá. Porém, aquele que nada dá, até o pouco que tem lhe será tirado. Essa é a lei!

Capítulo 32 - A oração no trabalho

Observação, julgamento e execução são os três fatores básicos da dissolução do ego. Primeiro, observa-se; depois, julga-se, e, por fim, executa-se.

Na guerra, os espões primeiro são observados, depois julgados e, finalmente, fuzilados.

No relacionamento com as pessoas, há autodescobrimento e autorrevelação. Quem renuncia à convivência com seus semelhantes renuncia também ao autodescobrimento.

Qualquer incidente da vida, por insignificante que pareça, indubitavelmente tem como causa um ator íntimo em nós, um agregado psíquico, um eu.

O autodescobrimento é possível quando nos encontramos em estado de alerta percepção, alerta novidade.

Eu descoberto em flagrante deve ser cuidadosamente observado em nosso cérebro, coração e sexo.

Um eu qualquer da luxúria poderia se manifestar no coração como amor, no cérebro como um ideal, mas, ao se pôr a atenção no sexo, sentiríamos uma certa excitação mórbida inconfundível.

O julgamento de qualquer eu deve ser definitivo. Temos que fazê-lo sentar no banco dos réus e julgá-lo impiedosamente.

Qualquer evasiva, justificativa ou consideração deve ser eliminada se, de verdade, queremos nos tornar conscientes do eu que desejamos eliminar da nossa psique.

Execução é diferente. Não seria possível executar um eu qualquer sem tê-lo previamente observado e julgado.

A oração no trabalho psicológico é fundamental para a dissolução. Necessitamos de um poder superior à mente se desejamos desintegrar este ou aquele eu.

A mente, por si mesma, jamais conseguiria desintegrar um eu. Isso é irrefutável e irrefutável.

Orar é dialogar com Deus. Devemos apelar para o Deus-Mãe em nossa intimidade, se é que na verdade queremos desintegrar eus. O filho ingrato, aquele que não ama sua mãe, fracassa no trabalho sobre si mesmo.

Cada um de nós tem sua Mãe Divina particular, individual. Ela, em si mesma, é uma parte do nosso próprio Ser, porém, derivada.

Todos os povos antigos adoraram o Deus-Mãe no mais profundo de seu Ser. O princípio feminino do Eterno é Ísis, Maria, Tonantzin, Cibele, Adônia, Réia, Insoberta, etc.

Se aqui, no meramente físico, temos pai e mãe, no mais fundo de nosso Ser também temos nosso Pai que está em segredo e nossa Divina Mãe Kundalini.

Há tantos Pais no céu quantos homens há na terra. Deus-Mãe, em nossa intimidade, é o aspecto feminino de nosso Pai que está em segredo.

Ele e Ela são, certamente, as duas partes superiores do nosso Ser íntimo. Sem dúvida, Ele e Ela são o nosso próprio Ser Real, muito além do eu da psicologia.

Ele desdobra-se nela e manda, dirige e instrui. Ela elimina os elementos indesejáveis que levamos em nosso interior sob a condição de um trabalho contínuo sobre nós mesmos.

Quando tenhamos morrido de forma radical, quando todos os elementos indesejáveis tenham sido eliminados, após muitos trabalhos conscientes e padecimentos voluntários, fundir-nos-emos e integrar-nos-emos com nosso Pai-Mãe. Então, seremos deuses, poderosamente divinos, além do bem e do mal.

Nossa Mãe Divina particular, individual, através de seus poderes flamígeros, pode reduzir à poeira cósmica qualquer eu que tenha sido previamente observado e julgado.

De modo algum é preciso uma fórmula específica para se rezar à Mãe Divina interior. Temos que ser naturais e simples ao nos dirigirmos a Ela.

Uma criança, quando se dirige à sua mãe, nunca usa fórmulas especiais; diz o que sai do seu coração — e isso é tudo.

Nenhum eu é dissolvido instantaneamente. Nossa Mãe Divina deve trabalhar e até sofrer muito antes de conseguir a aniquilação de um eu qualquer.

Tornai-vos introvertidos e dirigi vossa oração para dentro, buscando, no vosso interior, a vossa Divina Senhora. Com súplicas sinceras podereis Lhe falar. Rogai a desintegração daquele eu que haveis previamente observado e ajuizado.

O sentido da auto-observação íntima, conforme for se desenvolvendo, permitirá que verifiqueis o progressivo avanço do vosso trabalho.

Compreensão e discernimento são fundamentais. No entanto, precisamos de algo mais se, na realidade, queremos desintegrar o mim mesmo.

A mente pode se dar ao luxo de rotular qualquer defeito e passá-lo de um nível para outro, exhibi-lo, escondê-lo, etc., porém nunca conseguirá alterá-lo fundamentalmente.

Necessita-se de um poder especial, superior à mente, de um poder Flamejante capaz de reduzir às cinzas qualquer defeito.

Stella-Maris, nossa Divina Mãe, tem este poder, podendo pulverizar qualquer defeito psicológico.

Nossa Mãe Divina vive em nossa intimidade, além do corpo, dos afetos e da mente. Ela é, por si só, um poder ígneo superior à mente.

Nossa Mãe Cósmica particular e individual possui sabedoria, amor e poder. Nela existe absoluta perfeição.

As boas intenções e a sua constante repetição de nada servem, a nada conduzem.

De nada serve repetir: Não serei luxurioso. Os eus da lascívia de qualquer maneira continuarão a existir no próprio fundo da nossa psique.

De nada serve repetir diariamente: Não tenho mais ira. Os eus da ira continuarão existindo em nossos fundos psicológicos.

De nada serve dizer diariamente: Não serei mais cobiçoso. Os eus da cobiça continuam existindo nos diversos departamentos da nossa psique.

De nada serve nos afastarmos do mundo e nos encerrarmos em um convento ou viver em alguma caverna. Os eus continuarão existindo dentro de nós.

Alguns anacoretas das cavernas, à base de rigorosas disciplinas, chegaram ao êxtase dos santos e foram levados aos céus, onde viram e ouviram coisas que aos seres humanos não é dado compreender, mas os eus continuaram existindo em seu interior.

Sem dúvida, a Essência pode fugir do eu à base de rigorosas disciplinas e gozar do êxtase, porém, depois da felicidade, retorna para o interior do mim mesmo.

Aqueles que se acostumaram ao êxtase, sem ter dissolvido o eu, creem que alcançaram a libertação. Autoenganam-se se crendo mestres e até entram na involução submersa.

Jamais nos pronunciaríamos contra o arroubo místico, contra o êxtase e a felicidade da alma na ausência do ego.

Só queremos pôr ênfase na necessidade de se dissolver os eus para se conseguir a libertação final.

A Essência de qualquer anacoreta disciplinado, acostumada a escapar do eu, repete tal façanha depois da morte do corpo físico. Goza do êxtase por um tempo e depois volta, como o gênio da lâmpada de Aladim, para o interior da garrafa, para o Ego, para o mim mesmo.

Então, não lhe resta outro remédio senão retornar para um novo corpo físico com o propósito de repetir sua vida no cenário existencial.

Muitos místicos que desencarnaram nas cavernas dos Himalaias, na Ásia Central, são agora pessoas normais, comuns e correntes neste mundo apesar de seus seguidores ainda os adorarem e venerarem.

Qualquer tentativa de libertação, por mais grandiosa que seja, se não leva em conta a necessidade de dissolver o ego, está condenada ao fracasso.

Samael Aun Weor

Renúncia aos Direitos Autorais

"Hoje, meus queridos irmãos, e para sempre, renuncio, renunciei e seguirei renunciando aos direitos de autor. Tudo que desejo é que esses livros sejam vendidos de forma barata, ao alcance dos pobres, ao alcance de todos que sofrem e choram! Que o mais infeliz cidadão possa obter este livro com os poucos trocados que leva em seu bolso! Isso é tudo!"

(Samael Aun Weor, 1º Congresso Gnóstico Internacional, Guadalajara, México – 29/10/1976, [clique aqui para escutá-lo](#)).